

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE BACHARELADO EM ARTES CÊNICAS

GIOVANNA ROSA TRIVELLATO DOS SANTOS

O MEDO, A SOMBRA E A INFÂNCIA

FLORIANÓPOLIS
2013

GIOVANNA ROSA TRIVELLATO DOS SANTOS

O MEDO, A SOMBRA E A INFÂNCIA

Monografia apresentada no curso de
graduação a Universidade Federal de Santa
Catarina, Curso de Bacharelado em Artes
Cênicas para a conclusão de curso.
Orientação:

Professora Maria de Fátima S. Moretti

FLORIANÓPOLIS
2013

FICHA CATALOGRÁFICA

- Medo, Sombra, Teatro de Sombra,
Inconsciente, Infância, Teatro,
Psicanálise
- 80 páginas
- 48 9660 2977

GIOVANNA ROSA TRIVELLATO DOS SANTOS

O MEDO, A SOMBRA E A INFÂNCIA

Monografia apresentada no curso de graduação a
Universidade Federal de Santa Catarina, Curso de
Bacharelado em Artes Cênicas para a conclusão
de curso.

Área de concentração:

Data de defesa: 5 dezembro de 2013.

Resultado: 8.

BANCA EXAMINADORA

Dirce Waltrick do Amarante Professora Doutora _____
Universidade Federal de Santa Catarina

Toni Edson Professor Doutor _____
Universidade Federal da Bahia

à Simoninha, que todos seus medos sejam sanados.

Agradeço ao que me foi dado de referência externa para que meu processo cognitivo conseguisse expressar neste material exossomático algumas das conexões feitas internamente pelo desenvolvimento da inteligência.

Agradeço a todas as sombras que se apresentaram a mim e pois somente assim pude ilumina-las.

Agradeço a persistência que sempre me habitou, mesmo não sabendo o porque, em manter a sensação do ponto de vista de quando era criança.

Agradeço a minha infância.

Agradeço aos meus axiomas dados pela família,

pelo teatro,

pela amizade.

Agradeço a Krishna/Deus, por me dar a oportunidade de ver tudo isso.

Agradeço a minha amada mãe,

meus amados pais,

e amados irmãos.

Agradeço aos meus amigos, todos eles.

Agradeço a esta cidade, palco de tantas descobertas.

Agradeço a mãe terra,

o amor,

os poetas,

aos artistas conscientes.

Agradeço ao mestre, que se diz discípulo, Toni Edson, por me mostrar o que sempre quis ver mas não sabia que existia.

Agradeço a professora Dirce Waltrick do Amarante e todo obscuro que me ensina.

Agradeço a incrível Sassá Moretti, doce, forte e suave. Que botou fé nisso aqui.

Agradeço aos grupo *Gioco Vita* pelo descobrimento

e índios da tribo Huni Kuin pelo renascimento.

Agradeço a todos meus mestres.

Agradeço ao *Iracema de Aracaju Teatro Animal*, que possibilitou a visualização desta pesquisa.

Thaís a flor da pele e Liana bela cara de banana.

Agradeço aos olhares verdadeiros

e aos abraços também.

Hare Krishna.

Resumo

Três pontos de um processo que se interligam através de um ciclo sobre o desenvolvimento do *ser*, do não saber rumo ao conhecimento, e o resultado externo desse aprendizado. Quando objeto de base foi feito inconscientemente, há como decorrência o trauma. E para sanar isto, somente uma ação consciente que esclareça este desconhecido gerador do medo. Por ser um agente comunicador, o teatro é uma ferramenta com bastante potencial para tal processo. E no caso do teatro de sombras, revela em sua forma, exatamente como o desenvolvimento do processo é dado.

Resume

Three points of a process that are interconnected through a cycle on the development of *being*, from the not knowing to the knowledge, and the external result of this apprenticeship. When the base object was done unconsciously, as a result there is trauma. To heal this, only a conscious action to clarify this unknown generator of fear. As an agent communicator, theater is a tool with a lot of potential for this process. And in the shadow theater case, reveals in his form, exactly as the development of the process is given.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	09
2. SOBRE A INFÂNCIA.....	09
3. SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA IDÉIA.....	18
3.1. SOBRE A TEORIA DE PIAGET.....	20
3.2. RELAÇÃO COM AGAMBEN.....	29
3.3. CONCLUSÃO DO DESENVOLVIMENTO DA IDÉIA.....	34
4. SOBRE O <i>MATERIAL ADULTO</i>	34
5. DESENVOLVIMENTO DO CICLO.....	45
5.1. SOBRE <i>MATERIAL ADULTO</i>	46
5.2. INFÂNCIA NO CICLO.....	55
5.3. CONCLUSÃO DO CICLO.....	72
6. A RELAÇÃO ENTRE O CICLO E O TEATRO DE SOMBRAS.....	72
7. SOBRE A MONTAGEM QUE ORIGINOU A PESQUISA.....	76
8. CONCLUSÃO DO TRABALHO.....	79
ILUSTRAÇÃO DO CICLO.....	82
BIBLIOGRAFIA.....	83

1. INTRODUÇÃO;

O trabalho apresentado a seguir relaciona os pontos que formam o processo do desenvolvimento da inteligência a partir de um conceito teórico sobre o desenvolvimento epistemológico, um conceito filosófico sobre o termo infância e relações com a psicanálise por conceitos que abordam o inconsciente e o consciente. Os teóricos que embasam tais argumentos aqui colocados são, o epistemólogo suíço Jean Piaget, o filósofo italiano Giorgio Agamben e o também suíço pai da psicologia analítica Carl Gustav Jung.

A partir de tais termos, é colocado a formação de um ciclo que aborda desde o não saber até a criação de formas externas baseadas no que se sabe. Os termos empregados, *infância*, *adulto* e *material adulto* são relativos a tal ciclo e suas intercessões.

No desenvolver do processo é salientada a importância da ruptura do medo, este que é projetado na parte inconsciente do ser em forma de sombra. E a partir dessa relação, o teatro, mais especificamente o teatro de sombras espelha tal desenvolvimento, sendo ele ferramenta para tal processo de ruptura.

A possível solução apresentada é a consciência, aplicada a todos os fatores do ciclo. Enquanto observador ou criador, buscando e exprimindo conscientemente o que se aprende e expressa. Dentro dessa solução proponho o teatro consciente como forma de despertar essa consciência para com o todo.

2. SOBRE A INFÂNCIA;

Considerando a etimologia da palavra Infância, do latim *Īnfāntiā*,

“Īnfāntiā, āe, s. ap’. f. (*de infans*) 1º Incapacidade de fallar, mudez; 2º Dificuldade em se exprimir, falta de eloquencia; 3º Infancia, meninice; meninos, criança; primeira idade dos animaes; novidade, estado do que é novo, recente. § 1º *Infantia linguæ*. LUCR. Impossibilidade de fallar (em as crianças). § 2º *Acusatorum infantia*. CIC Falta de eloquencia dos acusadores. *Quæ omitti video infantia*. SUET. Coisas que eu vejo serem omittidas por falta de talento. *Oris infantia non potest eloqui...* ENNOD. A fraqueza da minha palavra não póde enunciar... § 3º *In infantia*. TAC. Desde tenra idade. *Surculi infantia adalligali*. PLIN. Ramos (de coral) trazidos pelo meninos. *Cervi ab infantia educali*. PLIN. Veados domesticados desde pequenos. *Madidi infantia nasi*. JUV. O nariz humido (dos velhos) como o das crianças. *Infantia seminis*. COLUM. Fraquesa d’uma

planta (nova). — *pomi*. PLIN. O viço da fruta. *Vinum quum in infantiâ est*. MACR. Quando o vinho está novo.”

(SARAIVA, F. R. dos Santos, 2000, p.603)

Fase sem fala, pelo *Novíssimo Dicionário Latino-Português* esta palavra remete a um estado do ser, além de uma fase da vida como nos é apresentado. Esse estado trata do momento do desenvolvimento onde não se tem argumento sobre um assunto, ainda não se sabe discorrer sobre temas específicos, não se tem raiz de argumento para defender idéias, tudo ainda é solto e desconexo e o acesso a informações é o que conecta pontos para assim desenvolver planos de idéias. Como o primeiro despontar do desenvolvimento da inteligência¹ na vida se dá no período onde se é criança, o termo que se relaciona a um estado do ser é direcionado a uma fase da vida, visando que a criança vive uma constante infância, um estado pleno de descoberta e que aos poucos vai se enraizando em assuntos, gerando a possibilidade de desenvolvimento e por tanto argumentação e colocação de idéias. Estas que são definidas por um processo individual no desenvolvimento de cada ser e são embasadas no material que é dado de exemplo a cada um. É sobre esse desenvolvimento que o epistemólogo suíço Jean Piaget decorreu em seus trabalhos ao longo de sua vida e entre muitas teorias desenvolvidas, a que serve de base para essa pesquisa fala sobre o processo do desenvolvimento dado pela da cognição² e é apresentada por dois especialistas nos trabalhos de Piaget, Dr. Guy Cellier da Universidade de Genebra e professor Jonas Langer da Universidade da Califórnia em Berkeley. A teoria se desenvolve sobre a formação da inteligência em bebês através do

¹ Inteligência - substantivo feminino (*sXIV*) **1** faculdade de conhecer, compreender e aprender **2** conjunto de funções psíquicas e psicofisiológicas que contribuem para o conhecimento, para a compreensão da natureza das coisas e do significado dos fatos < a doença afetou a sua i. > **3** *psic* capacidade de apreender e organizar os dados de uma situação, em circunstâncias para as quais de nada servem o instinto, a aprendizagem e o hábito; capacidade de resolver problemas e empenhar-se em processos de pensamento abstrato **4** *psic* percepção clara e fácil; habilidade em tirar partido das circunstâncias; engenhosidade e eficácia no exercício de uma atividade; sagacidade, perspicácia **5** nos animais, função mental de organização do real em atos (e não em atos e pensamentos, como nos seres humanos) **6** ato ou efeito de apreender algo pela inteligência; compreensão < a i. das leis requer cuidadosas interpretações e discriminações > **7** p.met. indivíduo de grande inteligência; cabeça, cérebro, sumidade < o congresso reuniu as grandes i. do país > **8** harmonia, entendimento recíproco < viver em boa i. > **9** acordo ou combinação secretos; maquinação, conluio < a i. entre ambos foi desmascarada >. (HOUAISS, A., 2004, p.1631)

² Cognição - substantivo feminino (*1836*) ato ou efeito de conhecer **1** processo ou faculdade de adquirir um conhecimento **2** p.ext. percepção, conhecimento **3** *jur* fase processual de uma demanda em que o juiz toma conhecimento do pedido, da defesa, das provas etc., e a decide em contraposição à fase executória **4** *psic* conjunto de unidades de saber da consciência que se baseiam em experiências sensoriais, representações, pensamentos e lembranças **5** *psic* série de características funcionais e estruturais da representação ligadas a um saber referente a um dado objeto **6** *psic* um dos três tipos de função mental [As funções mentais se dividem em afeto, cognição e volição.] (HOUAISS, A., 2004, p.754)

processo cognitivo, que se dá por influências do meio externo e interno. Relacionando a etimologia latina da palavra Infância apresentada anteriormente que fala sobre o estado de não se saber, quando uma devida informação é colocada e o fato dela ser nova e desconhecida neste primeiro contato. Ao longo de toda a vida nos deparamos com diversos campos inexplorados, lugares onde nossa inteligência ainda não caminhou, tanto na macro quanto na micro esfera permeadas pela inteligência existem infinitos desconhecidos. O filósofo italiano Giorgio Agamben em sua obra *Idéia da Prosa*³, no capítulo *A idéia da infância*⁴, defende a infância enquanto um estado constante no ser humano, tendo ela como uma inocente imaturidade ao se relacionar com o desconhecido, e que o contato e ciência do homem em cima do que se diz desconhecido, se torna conhecido. Esse enraizamento não anula esse estado de ser, esta essência do não-saber, esta base propulsora que desconhece. Mesmo que unida com a inteligência esta que tem em sua natureza a busca de conhecimento.

O desenvolvimento da introdução a informação no homem, se dá através do processo cognitivo. De acordo com o dicionário Houaiss de língua portuguesa, a palavra cognição vem do conjunto de unidades de saber da consciência que se baseiam em experiências sensoriais, representações, pensamentos e lembranças e da série de características funcionais e estruturais da representação ligadas a um saber referente a um dado objeto. O resultado da cognição é a percepção, a sensação, a noção, a intuição. E é sobre este processo que o epistemólogo suíço Jean Piaget desenvolve suas idéias. Estas, introduzida no livro *Manual da Psicologia da Criança 4 - desenvolvimento cognitivo I*, através de Cellier e Langer. É uma teoria do desenvolvimento particularmente interessada no desenvolvimento da funções cognitivas, é compreendida por meio de pressupostos biológicos⁵, onde se origina e das consequências epistemológicas⁶, onde se termina. Na teoria se fala sobre três momentos/processos de

³ (AGAMBEN, Giorgio. *Ideia da Prosa*. Lisboa: Edições Cotovia, 1999.)

⁴ (AGAMBEN, G., 1999, p. 90-95)

⁵ Biológico - adjetivo (1871) **1** relativo a biologia **2** relativo a ou próprio dos seres vivos **3** produzido por seres vivos (HOUAISS, A., 2004, p.456)

⁶ Epistemológico - adjetivo relativo à epistemologia, à teoria do conhecimento; epistêmico < princípios e. > epistemologia - substantivo feminino (1942) **1** reflexão geral em torno da natureza, etapas e limites do conhecimento humano, esp. nas relações que se estabelecem entre o sujeito indagativo e o objeto inerte, as duas polaridades tradicionais do processo cognitivo; teoria do conhecimento → cf. *gnosologia* **2** freq. estudo dos postulados, conclusões e métodos dos diferentes ramos do saber científico, ou das teorias e práticas em geral, avaliadas em sua validade cognitiva, ou descritas em suas trajetórias evolutivas, seus paradigmas estruturais ou suas relações com a sociedade e a história; teoria da ciência. (HOUAISS, A., 2004, p.1181)

desenvolvimento da cognição, onde tanto os problemas quanto as soluções se encaixam nessas mesmas fórmulas.

“De fato, o postulado fundamental, base das idéias aqui resumidas, diz que os mesmos problemas e os mesmo tipo de explicações podem ser encontrados nos três processos seguintes:

- a. A adaptação de um organismo a seu meio durante seu crescimento, juntamente com as interações e auto-regulações que caracterizam o desenvolvimento do “sistema epigenético” (a epigênese no seu sentido embriológico é sempre determinada tanto interna quanto externamente).
- b. A adaptação da inteligência no decorrer da construção de suas próprias estruturas, que dependem tanto das coordenações internas quanto de informações adquirida através da experiência.
- c. O estabelecimento de relações cognitivas ou, de modo mais geral, de relações epistemológicas, as quais não consistem em uma simples cópia dos objetos externos ou num mero desdobramento de estruturas pré-formadas no sujeito, mas implicam uma série de estruturas construídas progressivamente através da contínua interação entre o sujeito e o mundo externo”

(CELLERIER, G.; LANGER, J. in CARMICHAEL, L., 1977, p.71)

Considerando que a teoria diz sobre os primeiros passos do desenvolvimento cognitivo, e relacionando esse processo dado na fase da infância à etimologia latina da palavra *Īnfāntiã*, se chega ao resultado onde a infância consta em cada humano, não somente na criança. Por essa perspectiva a teoria de Piaget se aplica ao longo da vida; considerando as influências externas recebidas e as interações, construções, operações e axiomatizações⁷ desenvolvidas e relacionadas internamente em cada indivíduo.

Giorgio Agamben, fala em sua obra referência a essa pesquisa, sobre um animal, de uma espécie própria que, por sua natureza, mantém as características larvares de um integrante da classe dos anfíbios. Essa espécie de salamandra albina é chama de *axolotl* e é encontrada nas águas doces do México. Há tempos que essa espécie atrai a atenção de zoólogos e estudiosos da evolução animal; por esse animal, plenamente capaz de se reproduzir, manter aspectos infantis de um anfíbio como *cabeça relativamente grande enterrada no corpo, a pele opalescente, com uma leve mancha de cinzento no focinho e*

⁷ Axioma \cs ou ss\ substantivo masculino (1612) **1** *fil* premissa considerada necessariamente evidente e verdadeira, fundamento de uma demonstração, porém ela mesma indemonstrável, originada, segundo a tradição racionalista, de princípios inatos da consciência ou, segundo os empiristas, de generalizações da observação empírica [O princípio aristotélico da contradição (“nada pode ser e não ser simultaneamente”) foi considerado desde a Antiguidade um axioma fundamental da filosofia.] **2** p.ext. máxima, provérbio, sentença **3** *gram.gener* símbolo de partida das regras sintagmáticas → cf. *frase* **4** *gram.gener* num sistema ou teoria linguística, fórmula que se presume correta, embora não suscetível de demonstração. (HOUAISS, A., 2004, p. 360)

*azulada e rosada nas excrescências febris à volta das gueltras, as delicadas paras com dedos em forma de flor-de-lis*⁸.

“Esta circunstância⁹ pode levar a classificar o *axolotl* como um caso de regressão evolutiva, uma espécie de batráquio a renunciar à parte terrestre da sua existência e a prolongar indefinidamente a sua vida larvar. Mas desde algum tempo este infantilismo obstinado (pedormofose¹⁰ e neotenia¹¹) forneceu as chaves para entender de modo novo a evolução humana.”
(AGAMBEN, G., 1999, p. 91)

Agamben coloca que a evolução do homem, não necessariamente teria se dado a partir de indivíduos adultos, *mas sim da crias de um primata, que, como o axolotl, teria adquirido prematuramente a capacidade de se reproduzir*¹². Coloca inclusive particularidades morfológicas do homem que se assemelham a formação dos fetos dos antropóides¹³ como a *posição do furo occipital à forma da concha da orelha, da pele glabra*¹⁴ à *estrutura das mãos e dos pés*¹⁵. Essas características, dentro dessa subordem dos primatas, onde se considera a espécie humana, não são características de adultos, mas sim de crias. E essas, que nos primatas são transitórias, nos humanos são definitivas, como um *eterno rapazinho*¹⁶. Essas características infantis, nos aproximam de uma nova linguagem, na qual a tradição elaborada pelo homem é analisada e pontos onde a ciência ainda não foi capaz de compreender são trabalhados. Mais do que um código genético, o homem, *homo sapiens sapiens* é cultura e tradição e por elas se vê de que forma ele se dá no meio. Agamben propõe que, como o

⁸ (AGAMBEN, G., 1999, p. 90)

⁹ Após a introdução de hormônios, o axolotl se transformou numa salamandra mosqueada adulta (*Amblistoma tygrinum*)

¹⁰ Pedomorfose - substantivo feminino (1922) bio presença de caracteres primitivamente juvenis, larvais ou embrionários em um organismo adulto; pedomorfismo → cf. *neotenia, progênese*. (HOUAISS, A., 2004, p. 2164)

¹¹ Neotenia - substantivo feminino bio pedomorfose produzida pelo retardamento do desenvolvimento somático, de maneira que a maturidade sexual é atingida em um organismo que retém características juvenis → cf. *pedomorfose, progênese* (HOUAISS, A., 2004, p. 2010)

¹² (AGAMBEN, G., 1999, p. 91)

¹³ Subdivisão dos primatas, com aspecto geral idêntico ao dos seres humanos e que compreendem os macacos ou símios. ([http://www.infopedia.pt/\\$antropoides](http://www.infopedia.pt/$antropoides))

¹⁴ Glabro - adjetivo (1788) desprovido de pelo, barba ou penugem < rosto g. > < folha g. > < planta g. > (HOUAISS, A., 2004, p. 1454)

¹⁵ (AGAMBEN, G., 1999, p. 91)

¹⁶ (Ibidem, p. 91)

axolotl o ser humano é um bicho *neotênico*¹⁷, conservando características infantis num corpo com capacidade de reprodução.

No processo cognitivo, considerando o termo infância e o relacionando com os argumentos propostos por Agamben, nota-se uma semelhança na essência, ou seja, que o estado onde não se sabe visto do parâmetro fetal, e considerando este como o estado final em que o ser humano chega e que dentro dele se estabelece seu processo cognitivo. As formações do humano são fetais, infantis, inocentes, imaturas e ignorantes perante o mundo. Isso diverge claramente de outros animais que rejeitam as possibilidades somáticas que não constam no seu gene, por mais amplo que ele seja, os animais *cultivam unicamente as possibilidades infinitamente repetíveis fixadas no código genético*¹⁸.

Essa é a grande característica que nos difere dos animais, que não dão qualquer atenção ao que é mortal, se prendem no aqui e no agora e a partir do impulso do seu código genético reagem, mesmo que instintivamente ou por reflexo. Passam do estágio da infância, do estado de cria, para o estado adulto, enquanto nós, de acordo com Agamben, crescemos, mas nos mantemos numa infância onipotente, que tem em sua natureza se afastar de qualquer destino específico e de todo o meio ambiente determinado, podendo se limitar somente a ignorância¹⁹ e imaturidade²⁰. Agamben diz sobre esta criança, diferente do animal que segue a Lei escrita em seu código genético, que está em condição de poder dar atenção *precisamente àquilo que não está escrito, as possibilidades somáticas arbitrárias e não codificadas*.²¹

¹⁷ Vide nota de rodapé 11.

¹⁸ (AGAMBEN, G.,1999, p. 92)

¹⁹ Ignorância - substantivo feminino (*s.XIV*) **1** estado daquele que ignora algo, que não está a par da existência de alguma coisa **2** estado daquele que não tem conhecimento, cultura, em virtude da falta de estudo, experiência ou prática < i. musical > < i. histórica > **3** estado social no qual a instrução, a cultura é extremamente precária < um pobre povo que traz consigo uma i. secular > **4** atitude grosseira; grosseria, incivilidade < ele é de uma i. incrível no trato com as pessoas > **5** ingenuidade excessiva; inocência, pureza < ah, santa i., será que não percebes o que estão tramando \? > (HOUAISS, A., 2004, p. 1568)

²⁰ Imaturidade - substantivo feminino (*1881*) qualidade, estado ou condição de imaturo; falta de maturidade Imaturo - adjetivo (*a1580*) **1** que não está maduro ('sazonado') < fruto i. > **2** que não atingiu o pleno desenvolvimento físico **3** que não está completamente formado; precoce, prematuro, temporão < feto i. > (HOUAISS, A., 2004, p. 1574)

²¹ (AGAMBEN, G.,1999, p. 92)

“[...] na sua infantil onipotência, ela seria tomada de estupefação e ficaria fora de si, não como os outros seres vivos, numa aventura e num ambiente específicos, mas, pela primeira vez, num *mundo*: ela estaria verdadeiramente, à escuta do ser. E como sua voz está ainda livre de toda a prescrição genética, não tendo absolutamente nada para dizer ou exprimir, ela seria o único animal da sua espécie que, como Adão, seria capaz de *nomear as coisas* na sua língua”
(AGAMBEN, G., 1999, p. 92)

Nesse estado pleno de infância é onde é dada a oportunidade de, como diz Agamben, *nomear as coisas na sua língua*²². Esse processo se dá através do desenvolvimento cognitivo que nada mais é que o processo de captação e interiorização das informações do mundo externo. Isso é colocado na teoria de Piaget através de alguns dos processos que ocorrem neste desenvolvimento; interação, construção, operação e axiomatização. A partir desse processo, o colocado *único animal da sua espécie*²³ tem o poder de *nomear as coisas*²⁴ e em cima dessa nomeação desenvolver idéias.

E é em cima dessas três idéias apresentadas; a etimologia da palavra, a teoria do desenvolvimento das funções cognitivas sob o prisma da relação entre o sujeito, o objeto e a idéia desenvolvida pelo filósofo Giorgio Agamben que, unidos, trazem um conceito de infância plena e mesmo que ocorra o desenvolvimento de idéias no processo de desenvolvimento da inteligência, nós, seres humanos, até fim dessa vida carregaremos uma infância intrínseca a cada ação e reação, a cada novo conceito e aprendizado e cada momento vivido no aqui e no agora. Essa infância sublime é o caminho que nos orienta a novas descobertas, a válvula propulsora que irradia para o desconhecido, para que nossa mente, em sua forma de inteligência, de absorção por cognição, capte, interiorize, conecte e refine o conhecimento adquirido. Mas essa força propulsora age na mesma forma e intensidade, apesar dos conhecimentos adquiridos e firmados no ser tentarem anular essa possibilidade. Colocando a infância no período onde se é criança, e que ao passar pela mudança física de se

²² (Ibidem, p. 92)

²³ (Ibidem p. 92)

²⁴ (Ibidem, p. 92)

tornar um ser com possibilidade reprodutiva, através da adolescência²⁵, ela termina e se entra na fase adulta²⁶ onde, se cria a ilusão de que se sabe sobre algo, excluindo a possibilidade de desvendar outros desconhecidos, logicamente isso se dá em uma parcela do ser, em alguns com mais intensidade que outros. Essa certeza de conhecimento, visando a teoria de Piaget, acontece no momento em que se enraizou informação(ões) e em cima dela(s) se criou idéias intrínsecas a existência daquele ser.

“Elas se tornam então estruturas fundamentais do comportamento e da inteligência no início de seu desenvolvimento antes de aparecerem no campo do pensamento espontâneo e posteriormente na reflexão. Elas fornecem os fundamentos dessas axiomatizações cada vez mais abstratas que chamados lógica e matemática.”

(CELLERIER, G.; LANGER, J. in CARMICHAEL, L., 1977, p.76)

Desta forma, gerando a ilusão de que, aquilo que se aprendeu, é absoluto. Aniquilando a possibilidade de que há uma parte constante de não-saber, uma infância latente e que é ela que se torna possível a busca pelo conhecimento e que é isso nos difere dos animais que seguem o que esta pré estabelecido em seu material genético.

Se estabelecendo no equívoco de que o conhecimento que se tem é absoluto e o não-saber está fora de cogitação, o confronto com o desconhecido se torna muito mais duro e difícil. Quem observa esse novo e não percebe que dentro de si carrega o próprio não-saber que este constitui sua essência humana, vê no novo uma ameaça, pois ele é quem diz diferente do que se sabe e como se está firmando numa idéia e nela embasa toda a verdade, outra

²⁵ Do latim - *Ādōlēsco*, *īs*, *ēvī* (*rar. ūī*), *ūltūm*, *ērē*, *v. intrans. inch.* de *Adoleo*. 1º Crescer. Brotar, fazer-se grande, engrossar; 2º Augmentar-se, fortificar-se; 3º Estar carregado de coisas que hão de ser queimadas; extensivamente. Arder, ser abrasado; 4º *accep. rar.* Ajuntar-se, unir-se, associar-se. § 1º *Postquam adolevit as eam aetatem.* PLAUT. Depois que chegou a esta idade. *Arundines adoleunt.* PLIN. As canas brotam. *Quoad cappilus adolesceret.* GELL. Até que o cabelo crescesse novo. *Adolescere in longitudinem.* PLIN. Alongar-se, dilatar-se, estender-se, fazer-se comprido. — *in tantam magnitudinem...* PLIN. Fazer-se tão grosso, engrossar tanto... § 2º *Cupiditas agendi adolecit.* CIC. A necessidade de actividade augmenta-se. *Ver adolecit.* TAC. A primeira vera vae caminhando. *Adolescebat lex majestatis.* TAC. A lei de lesa-magestade tomava vigor, ia vigorando. § 3º *Panchæis adoleunt ignibus aræ.* VIRO. Os altares ardem com os perfumes arábicos. § 4º *Alios operi adolecere jussit.* JUV. Ordenou que os mais se associassem ao trabalho. (SARAIVA, F. R. dos Santos, 2000, p.30)

²⁶ Do latim - *Ādūltūs*, *ā*, *ūm*, *part. p.* de *Adolesco*. Que medrou, cresceu, crescido. *Hostili in solo adultus.* TAC. Nutrido em terra hostil, inimiga. § *Accrescentado, augmentado.* *Adulta lacte ubera.* CATUL. Têtas, peitos cheios, pejedos de leite. § *Adjectivte.* Já grande, adulto, formado, chegado ao ponto de crescimento, de maturidade (fallando do homem, dos animaes, das plantas, etc.) *Puer adultâ aetate.* CIC. Rapaz já crescido. *Adultæ virgines.* CIC. Donzellas casadoiras. *Adultæ vitium propagines.* HOR. Rebutões vigorosos das videiras. *Adultus erinis.* STAT. Cabelleira forte, vigoroso, possante. *Adultâ nocte.* TAG. Altas horas da noite, hora avançada, horas mortas. *Nondum adulta seditio.* TAC. Sedição que ainda não tornou incremento. *Adultæ jam Athenæ.* CIC. Athenas já florescente. *Adulta pestis republicæ.* CIC. Terrível flagello da república. (SARAIVA, F. R. dos Santos, 2000, p.35)

possível verdade se mostra ameaçadora. Por isso a importância da consciência desse estado do não-saber, pois quando se está consciente disso o novo apresentado se mostra como algo interessante a ser revelado e não como um medo gerado pela precaução de se manter o que já está preestabelecido. Portanto é nessa negação da infância que surge o medo do desconhecido.

E é nesse movimento de negação que vive a sombra da ação. O psiquiatra e psicoterapeuta, fundador da psicologia analítica Carl Gustav Jung, apresenta em sua teoria, o conceito de sombra enquanto parte negada pelo agente, ou seja:

“[...] aquilo que ele não queria ser (a sombra)”
(JUNG, C. G., 1988, p.249, parágrafo 470)

Ao negar a própria infância, está se nega uma essência de si e quando esta aflora pode tomar proporções desmedidas já que não é trabalhada nem mesmo considerada. Para ter ações conscientes, é necessário se considerar cada aspecto que se saiba do ser, mesmo os que desagradem por natureza ou aqueles que vão contra o próprio material de conhecimento coletado e desenvolvido ao longo da vida.

“E além disso há o perigo de que, num momento de inadvertência, o elemento recalcado irrompa subitamente. De qualquer modo, constitui um obstáculo inconsciente, que faz fracassar os esforços mais bem intencionados”
(JUNG, C. G., 1995, p.81, parágrafo 131)

São em momentos de ruptura do negado que a infância contida se liberta e isso pode tomar qualquer forma, desde um surto até um infantilismo²⁷.

“Nos casos de neurose, deparamos sempre com uma sombra consideravelmente densa. E para curar-se tal caso, devemos encontrar um caminho através do qual a personalidade consciente e a sombra possam conviver”
(JUNG, C. G., 1995, p.81, parágrafo 132)

Portanto a importância da consciência de nossos estados naturais é de extrema necessidade, pois também faz parte da nossa natureza a criação da ilusão,

²⁷ Infantilismo - substantivo masculino (1926) med persistência patológica no adulto de certos caracteres morfológicos, sexuais ou psicológicos próprios da criança. (HOUAISS, A., 2004, p. 1612)

esta só fundamenta as especulações da mente. O que diz respeito a nossa essência, não consta necessariamente no processo mental, já que este se dá a partir dela. Se manifesta no comportamento (em suas muitas possibilidades internas e externas) e quando assume a forma de pensamento pode vir a servir de alavanca para a consciência da nossa devida natureza. A percepção dessa essência se pode dar através do processo da vida, do espontâneo, do acaso. Estes que formam processos mentais, não são primordiais para o entendimento do indivíduo de sua natureza.

3. SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA IDÉIA;

Cognição

“ato ou efeito de conhecer **1** processo ou faculdade de adquirir um conhecimento **2** p.ext. percepção, conhecimento **3** *jur* fase processual de uma demanda em que o juiz toma conhecimento do pedido, da defesa, das provas etc., e a decide em contraposição à fase executória **4** *psic* conjunto de unidades de saber da consciência que se baseiam em experiências sensoriais, representações, pensamentos e lembranças **5** *psic* série de características funcionais e estruturais da representação ligadas a um saber referente a um dado objeto **6** *psic* um dos três tipos de função mental [As funções mentais se dividem em afeto, cognição e volição.]”
(HOUAISS, A., 2001, p. 754)

A adaptação de um organismo a seu meio, sendo esse, o indivíduo, sua inteligência e as relações possibilitadas entre a interação de ambos com o mundo externo é base primordial para a formação do ser humano. Desde que se nasce (ainda podendo considerar também o estado embrionário) tudo o que é colhido e remanejado pelo indivíduo o leva a toda amplitude que ela alcançada em sua formação. Mas o saber dessa amplitude se dá pelo conhecimento, este que é formado através da continua interação do ser com o meio e a incessante atividade intelectual de assimilação e conexão de novas formas e idéias com o que já consta no intelecto.

“Do ponto de vista do senso comum o mundo externo está inteiramente separado do sujeito, apesar de conter o próprio corpo do sujeito”
(CELLERIER, G.; LANGER, J. in CARMICHAEL, L., 1977, p.71/72)

Como é colocado na citação, o entendimento do meio em que se vive vem do fato de se estar introduzido nele, dessa forma a compreensão do todo é embasada nas experiências

que a vida trás. Comungando com essas experiências, o processo interno as sela, interioriza, relaciona, correlaciona, cria uma rede fundamentando ações e argumentos. Essas ações do processo interno, geridas pela fonte de busca, ou seja pelo ser, trabalham como estímulos especulativos de informações desconhecidas formando assim um ciclo de busca e síntese se baseando em informações coletadas ao longo de todo o processo cognitivo. Este que, ao desenvolver suas funções, sela o ato de conhecer envolvendo a atenção, percepção, memória, raciocínio, juízo, imaginação, pensamento e linguagem. Esse processo é contínuo e se dá por toda a vida. Dessa forma o novo se torna possível e através da maturação. Este novo, se dá, na conscientização de todos os processos mesmo os mais subjetivos como o saber que se respira, o caminhar, os nomes das pessoas e dos objetos, o cantar, enfim, tudo o que se lembra, se conecta e serve de influência de comportamento. E através dessa forma pode fundamentar o que se vive.

Por este tema ser fundamental para a existência de qualquer forma de pesquisa e por ele ser a fonte que possibilita este tipo de ação, é profundamente vasculhado e organizado das mais diversas formas, pelos olhos da ciência, da religião, da filosofia com seus diversos *ismos* (realismo, idealismo, dogmatismo, ceticismo, criticismo, pragmatismo, racionalismo, empirismo), e mesmo pela verdade popular (como o ditado que pode ser aplicado ao processo mental; água mole em pedra dura tanto bate até que fura). A especulação da forma de ação da mente é um ponto extremamente interessante para quem a vive. Jean Piaget, estudou a vida toda esse desenvolvimento e em cima de seus estudos, muitos outros também o fizeram. É em cima de sua teoria introduzida no livro que fundamenta essa pesquisa que uma dessas especulações sobre o funcionamento da inteligência é colocada. Mas é Giorgio Agamben em seu capítulo (Ideia da Infância) que coloca o termo infância, previamente explicado, como um estado constante do ser, como um não-saber latente e também discorre sobre a formação da tradição e que nela mora uma motivadora força de conservação. Dessa forma mantendo o que já se foi especulado e ordenado pelo intelecto por gerações e gerações. Essa dissertação se dá sobre a assimilação desses dois termos, o de Agamben e o de Piaget (com relação posterior com os termos propostos por Jung em suas pesquisas) essa, mais especificamente da relação dada entre o sujeito ou ponto que aciona a interação e o objeto ou local de apoio para tal interação. Defendendo esse estado pleno de imaturidade e ignorância (no sentido mais nobre das palavras) que servem de impulso a possibilitar a captação de informações essa que é dada pelo processo cognitivo colocado na teoria de Piaget.

3.1. SOBRE A TEORIA DE PIAGET;

A relação dada entre o sujeito e o objeto num primeiro momento é indissociável, pois não há nada construído de um para o outro, nenhuma ponte que os conecte, nenhuma idéia, julgamento ou interação e é nesse primeiro momento que essa formação de contato é dada.

“[...] o limite entre o sujeito e os objetos não está predeterminado e, o que é mais importante, não é estável.”

(CELLERIER, G.; LANGER, J. in CARMICHAEL, L., 1977, p.72)

A estabilidade do contato como mostra acima não é intrínseca a ele, ela pode se dar de qualquer forma, tanto para o sujeito, quanto para o objeto. Esse fator é o que torna possível as variantes da recepção das informações, dando individualidade plena a cada sujeito que recebe do mesmo objeto e vice e versa. Um exemplo disso, é a interação dada no teatro. Não é possível prever a reação do público sobre devida emoção trabalhada pelo ator na cena. Existe um pré conceito estabelecido quando se escolhe trabalhar uma emoção mas por muitas vezes uma cena ensaiada para ser melancólica aos olhos de parte do público toma um ar cômico. Aqui entra outra influência, como outro objeto para o sujeito enquanto público que é o próprio público e as influências que ele causa na individualidade de cada espectador, por exemplo, quando parte da platéia ri a outra parte por muitas vezes é contagiada e desvia o foco da primeira reação conectada a si e entra na percepção daquela sensação proposta na platéia em geral.

E é em cima desse primeiro contato, que surge a ponte que dissocia as partes dadas na interação. Partindo do momento onde sujeito e objeto são semelhantes é que o processo cognitivo começa a agir e a divisão começa a acontecer. Essa divisão é dada por meio do conhecimento. Este que diz quem é o que e quais partes cabem a cada um.

“O conhecimento, então, na sua origem, não vem dos objetos e nem do sujeito, mas das interações - inicialmente indissociáveis - entre o sujeito e esses objetos.”

(CELLERIER, G.; LANGER, J. in CARMICHAEL, L., 1977, p.72)

Essa ação dada em forma de interação proposta na citação, é o estímulo que conecta as partes, o verbo que faz a ação do conhecimento acontecer. Basta estar vivo para que ela comece a agir. Toda e qualquer ação executada pelo ser é, do ponto de vista cognitivo, a interação necessária para a fundamentação do conhecimento no mesmo. Desde os primeiros reflexos e instintos do berço até as atividades mentais mais complexas.

“Desde as ações sensorial-motoras mais simples (tais como empurrar e puxar) até as operações intelectuais mais sofisticadas, as quais são ações interiorizadas executadas mentalmente (por exemplo, associar, ordenar, seriar), o conhecimento está constantemente ligado a ações ou a operações, isto é transformações.”

(CELLERIER, G.; LANGER, J. in CARMICHAEL, L., 1977, p.72)

As possíveis combinações para a formação da inteligência, são básicas, primárias e constantes como consta anteriormente. O que as torna complexa é o quão a fundo em assunto específico elas agem, o quão refinados e detalhados são os fundamentos para que ela ocorra. Porque forma que o aprendizado de atividades primárias como por exemplo bater foi dado, é o mesmo que utilizado em grandes conclusões como teoremas e conceitos rebuscados.

“Realmente, para conhecer os objetos o sujeito deve agir sobre eles e portanto transformá-los: deve deslocá-los, ligá-los, combiná-los, dissociá-los e reuni-los novamente”

(CELLERIER, G.; LANGER, J. in CARMICHAEL, L., 1977, p.72)

E dessa forma os associar em forma de aprendizado. E todo e qualquer aprendizado, de acordo com Piaget, é dado primeiramente através de transformações. Estas que ocorrem no sujeito que recebe a informação do meio externo e conecta com as que tem internamente. Essa transformação é dada por diversas ações internas, combinações, dissociações, entre outras. Durante essas ações, o conhecimento vai sendo fundamentado e no próximo momento, já haverá algo dele naquele sujeito, de uma forma única e específica, de um ponto de vista singular sobre aquilo dentro de todos os outros pontos de vista. Essa é a forma, proposta na teoria de Piaget, de interiorizar e reformular o mundo externo gerando assim uma identidade pessoal de mundo para cada um. Essa interação com o objeto é fundamental para o desenvolvimento cognitivo. É através dela que toda e qualquer idéia ou especulação, acontece. Como foi citado no capítulo *sobre a infância*²⁸, que diz que o estabelecimento das

²⁸ p. 3, letra c. da citação.

relações cognitivas se dá através de uma série de estruturas construídas progressivamente através da contínua interação entre o sujeito e o mundo externo.

A questão do desenvolvimento do conhecimento está diretamente ligada com o desenvolvimento da inteligência pelo fato do conhecimento ser a análise de como o sujeito se torna progressivamente capaz de identificar e conhecer objetos adequadamente.

“[...] isto é, como ele se torna capaz alcançar o conhecimento objetivo.”
(CELLERIER, G.; LANGER, J. in CARMICHAEL, L., 1977, p.72)

Através dessa citação, um ponto importante da teoria de Piaget, sobre a construção da objetividade, sustenta que ela se dá ao longo do aprofundamento do desenvolvimento cognitivo da mente, que quando mais construtores sucessivos²⁹ se tem sobre um assunto, mais objetivo se torna. Considerando que quando algo é criado, o que exprime ele do campo da idéia para o plano material é a objetividade, é a fundamentação que se tem naquilo que o torna tangível e transferível da idéia para a matéria. Por exemplo uma pesquisa teórica; quanto mais se pesquisa, mais construtores sucessivos se tem dentro do tema abordado e é essa abrangência que possibilita a elaboração do material que consta o devido tema. Quanto mais objetividade a pesquisa tem, mais plausível ela se torna. A objetividade, a partir de Piaget é formada por explanações dentro de um mesmo assunto. A inteligência pode ter diversos canais de objetividade, mas cada um retrata um aspecto, mesmo esses sendo totalmente conectáveis entre si. Portanto, a objetividade é um dos frutos do desenvolvimento cognitivo, da inteligência.

“Ele (o problema epistemológico³⁰) se reduz à análise de como ele se torna capaz de alcançar o conhecimento objetivo. Realmente, a objetividade não é de modo algum uma propriedade inicial, como afirmam os empiristas, e sua conquista envolve uma série de construtores sucessivos que dela se aproximam cada vez mais”
(CELLERIER, G.; LANGER, J. in CARMICHAEL, L., 1977, p.72/73)

Quanto mais desenvolvidas em si as construções sucessivas forem, mais perto da objetividade se chega. Como fala na citação da teoria, esse processo não se dá somente através da análise ou de uma perspectiva empirista. Nota-se que a objetividade não tem um

²⁹ Formações resultantes do processo de construção interna somada com as influências externas.

³⁰ Vide nota de rodapé 6.

ponto final ou uma conclusão. Ela pode ser crescente pois o conhecimento não tem um final. Novas formas e conexões são sempre possíveis além do diálogo entre partes que aparentemente parecem opostas. É uma força de busca infinita, é a infância proposta por Agamben, uma força contínua e ininterrupta de contato com o novo, com a descoberta.

Essa infância sublime é o caminho que nos orienta a novas descobertas, a válvula propulsora que irradia o desconhecido, para que nossa mente, em sua forma de inteligência, de absorção por cognição, capte, interiorize, conecte e refine o conhecimento adquirido.³¹

Portanto, quanto mais se aprende, mais objetivo se é e mais longe da infância naquele aspecto se torna. Porém na constância da infância plena, podendo sempre desviar pontos da objetividade para lugares desconhecidos.

Uma decorrência natural das interações, são as construções. Estas que são a consequência da interação do sujeito com o objeto e a partir delas todo o restante do processo cognitivo pode acontecer. As construções não estão dadas no objeto, pois para existirem precisam necessariamente de ação, e nem no sujeito, este que deve aprender como coordenar suas ações, *as quais geralmente não são programadas hereditariamente, salvo nos casos de reflexos ou instintos*³². Para que as construções ocorram, é necessário dois tipos de atividade;

“[...] de um lado a coordenação das próprias ações e de outro lado a introdução de interrelações entre os objetos. Estas duas atividades são interdependentes porque é somente através da ação que essas relações podem aparecer. Consequentemente o conhecimento objetivo sempre está subordinado a certas estruturas de ação.”

(CELLERIER, G.; LANGER, J. in CARMICHAEL, L., 1977, p.73)

Após haver um contato inicial entre sujeito e objeto e se obter o primeiro construtor dessa relação, toda a repetição de movimento referente ao mesmo sujeito e objeto, é denominada na teoria de Piaget como deslocamento. Este que é assim denominado pelo fato de o primeiro percurso da relação entre as duas partes da interação já ter sido traçado e este novo percurso se dá através de um deslocamento do sujeito até o ponto de origem do percurso e a repetição do mesmo. Cada percurso tem em si sua individualidade dos construtores

³¹ Vide p. 6.

³² (CELLERIER, G.; LANGER, J. in CARMICHAEL, L., 1977, p.73)

gerados esses entre si podem vir a se relacionarem naturalmente já que são providos da mesma origem e fazem parte do mesmo processo cognitivo.

“Independentemente das ações do próprio sujeito para que o esquema³³ de um objeto permanente se estabeleça, uma nova estrutura deve ser construída.”

(CELLERIER, G.; LANGER, J. in CARMICHAEL, L., 1977, p.73/74)

É a partir dessa repetição de percurso que o caminho para a objetividade se inicia. Como consta na citação, novas estruturas serão formadas em cima do mesmo caminho para o sujeito rumo ao objeto, a posição de cada um começa a se esclarecer, a partir da carga do sujeito, não somente daquela interação, mas de todas que formam sua capacidade intelectual. Considerando também as regulações internas do sujeito, essas que estão em constante mudança, agem sobre a forma de perceber as coisas. Dessa forma, cada experiência se faz única. Quanto mais vezes forem repetidas as interações, mais clareza e objetividade (ou maturidade e sapiência, seguindo a lógica de Agamben) se terá naquele assunto pois o caminho terá sido observado por muitas vezes e dessa forma o acesso àquela informação e a conhecimento da profundidade do fato se tornam muito maiores que o primeiro contato.

“Assim que esta organização é alcançada (e isso não é absolutamente dado no início do desenvolvimento, mas deve ser construído por uma série de novas coordenações), torna-se possível a estruturação objetiva dos movimentos do objeto e daqueles do próprio sujeito”

(CELLERIER, G.; LANGER, J. in CARMICHAEL, L., 1977, p.74)

Quando é dada a organização da repetição de movimento um fato muito interessante acontece com o sujeito que está desenvolvendo sua capacidade cognitiva. O que antes era inteiramente novo e desconhecido, começa a tomar uma forma reconhecível e os meios que se deram para chegar até esse novo se tornam meras repetições. O que antes tinha em seu primeiro contato a urgência de conexão com pontos internos, agora começa a se firmar em um chão mais sólido onde o sujeito pode ir e vir, e nessas repetições se solidificar enquanto observador do objeto e

³³ “³³Nessa publicação o termo “esquema” (plural “esquemas”) é usado para indicar atividades operacionais, enquanto que *schema* (plural *schemata*) indica os aspectos figurativos do pensamento — tentativas de representação da realidade sem tentar transformá-la (imaginação, percepção e recordação). [...], enquanto um esquema representa aquilo que pode ser repetido e generalizado numa ação (por exemplo, o esquema é aquilo que há em comum nas ações de “empurrar um objeto com uma vara ou qualquer outro instrumento”).” (CELLERIER, G.; LANGER, J. in CARMICHAEL, L., 1977, p.73/74)

mais que isso, enquanto agente propulsor da ação em cima daquilo. Colhendo mais seguramente os frutos daquela interação.

Isso provoca uma verdadeira *revolução copernicana*³⁴³⁵ gerada pelo deslocamento de informações, isso porque no primeiro contato o sujeito, para a formação de uma primeira ponte até o objeto, relaciona tudo consigo e quando essa repetição é dada ele pode notar mais partes da movimentação/do caminho até o objeto, percebendo assim as subjetividades da ação, as nuances que a tornam real e tangível. Como se apreciasse o retorno a um lugar que já esteve.

“Nesta conjuntura o corpo do sujeito, ao invés de ser considerado o centro do mundo, torna-se um objeto como qualquer outro, cujos deslocamentos e posições são correlativos àqueles dos próprios objetos”

(CELLERIER, G.; LANGER, J. in CARMICHAEL, L., 1977, p.74)

Essa mudança de se ter como mais um objeto no meio também é de muita importância para a organização das séries temporais e de causalidade solidificando um senso em relação a ação e reação e ao tempo de cada interação. Isso é muito relativo, pois como cada ser tem uma natureza (esta, natureza da ação, é fundamentada pelo instinto, reflexos e construtores sucessivos dados através do processo cognitivo), o bom senso perante ações e a noção de tempo se dá a partir dela e somatizado com as construções sucessivas desenvolvidas que formam o ser em sua individualidade, não tem forma de repetição, ou seja não existem dois ou mais sujeitos que se comportem da mesma forma. Eles podem ter tido objetos para construção dos seus axiomas internos comuns, porém a forma que esses foram dados é exclusiva e individual. Como é afirmado na teoria de Piaget.

“O próprio organismo vivo não é um mero espelho das propriedades de seu ambiente”

(CELLERIER, G.; LANGER, J. in CARMICHAEL, L., 1977, p.75)

O processo de deslocamento age também na questão da percepção de si no coletivo, porém individual. Por mais que as tradições (ambiente em que o sujeito vive dado pelas

³⁴ Nicolau Copérnico foi um astrônomo e matemático polaco que desenvolveu a teoria heliocêntrica do Sistema Solar. [...] Sua teoria do Heliocentrismo, que colocou o Sol como o centro do Sistema Solar, contrariando a então vigente Teoria Geocêntrica (que considerava a Terra como o centro), é considerada como uma das mais importantes hipóteses científicas de todos os tempos, tendo constituído o ponto de partida da astronomia moderna. (wikipedia.org)

³⁵ (CELLERIER, G.; LANGER, J. in CARMICHAEL, L., 1977, p.74)

formas de ação, crenças e costumes , ou seja a moral³⁶) sejam comuns, a forma de lidar com elas é individual e cada sujeito tem a sua. Essa que é dada pelo próprio contato com a tradição, mas como a processo cognitivo se faz a partir do local da onde o sujeito está e este não pode ser analisado por dois ou mais sujeitos ao mesmo tempo, a própria tradição comum a inúmeros indivíduos tem em cada um deles uma individualidade apoiada na mesma origem que faz este ser participar daquela tradição. Dessa forma o sujeito pode visualizar ser também um objeto. Perceber que a interação de outros seres, na sua individualidade e no coletivo para com ele, define o outro, ou seja objetos de observação e interação.

“Enquanto que antes da construção desta nova estrutura a criança³⁷ considera-se (inconscientemente) o centro do universo, ela se torna, graças à organização do espaço (o que assegura acima de tudo a organização paralelas das séries temporais e de causalidade), somente um membro singular do conjunto dos outros objetos móveis que compõem seu universo.”
(CELLERIER, G.; LANGER, J. in CARMICHAEL, L., 1977, p.74)

Cada ação executado pelo sujeito para com o objeto, *implica claramente experiências físicas e informações empíricas*³⁸ essas adquiridas através da interação e observação que orientam o sujeito nas suas ações e idéias futuras. Na formação da construção de grupos de construtores a serem deslocados em forma de raciocínio, re-ligados a pontos em comum que foram desenvolvidos em processos diversos. O que é executado orienta o que está sendo formado e este quando formalizado embasa ações gerando assim um ciclo contínuo de ação, interiorização e pensamento.

“Estas coordenações não são apenas produto da experiência, mas são também controladas por fatores tais como a maturação e exercício voluntário e, o que é mais importante, por uma auto-regulação contínua e ativa.”
(CELLERIER, G.; LANGER, J. in CARMICHAEL, L., 1977, p.74)

A maturação da ação é uma parte de extrema importância no desenvolvimento que visa a objetividade, vendo que esta é dada pela ação embasada em pensamentos constantemente reformulados e que o processo de amadurecimento dentro da ação que a faz mais precisa e

³⁶ ETIM lat. *moraālis*, e ‘moral, relativo aos costumes’, como t. de filosofia, houve prov. influxo do fr. *morale* (1525); ver *mor-*; f. hist sXV *morall* adj. (HOUAISS, A., 2001, p. 1958)

³⁷ Nesta pesquisa, relaciona-se o termo criança com o estado da infância proposto no capítulo *Sobre a infância*.

³⁸ (CELLERIER, G.; LANGER, J. in CARMICHAEL, L., 1977, p.74)

torna mais claro seu objetivo. O exercício voluntário se dá no nível onde há espontaneidade de busca ou seja, quando a ação não é necessariamente induzida ou sua necessidade de execução se torna latente a ponto de ser obedecida. É a percepção intrínseca na necessidade da ação. Tendo essas duas naturezas no modo espontâneo o desenvolvimento cognitivo se torna vivo e por si só se nutre gerando assim a natureza observadora do ser e com ela a natureza transformadora. Nesse nível a mente já mostra sua infinitude de possibilidades, já que o que no início foi inteirado no ser faz parte de suas ações e pensamentos que com as novas informações adquiridas através do mesmo processo formam uma rede de conexões que faz a própria mente do sujeito se tornar objeto e as informações que lá constam se conectam entre si. E dados os processos de maturação e exercício voluntário, a inteligência chega por si só a novos horizontes. Quando se chega a esse ponto, o nome dado na teoria de Piaget para denominar tal ação é operação³⁹.

“O que já é verdade no estágio sensorial-motor aparece novamente em todos os estágios do desenvolvimento e no próprio pensamento científico, porém em níveis onde ações primitivas foram transformadas em operações”

(CELLERIER, G.; LANGER, J. in CARMICHAEL, L., 1977, p.74)

Na teoria, é reafirmando por várias vezes que a forma de adaptação de um organismo, da inteligência e do estabelecimento da relações cognitivas é necessariamente dado pela ação entre sujeito e objeto onde fica claro que o material do sujeito não é um cópia do mundo externo mas sim, uma adaptação do mundo externo para com o interno. E nesse período onde as informações recebidas já passam pelo amadurecimento e espontaneidade de busca, o que as conecta não é uma mera observação. O sujeito ao observar o objeto não faz com que outras informações se conectem mesmo quando o objeto é o próprio sistema epistemológico do sujeito. Observar já é em si uma interação e dado o aqui referido, esta é encaminhada a

³⁹ Operar - verbo (1624) 1 (t.i.int.) [prep.: em] exercer ação, função, atividade ou ofício; agir, trabalhar, obrar < os ladrões operam livremente na cidade > < o. na bolsa de valores > 2 (pred.) ter como função; atuar < o. como porta-voz de um grupo > 3 (t.d.int.) provocar uma reação; produzir, surtir (um efeito) < o remédio operou a cura > < a fé opera milagres > < o medicamento logo operou, e o menino recuperou-se rapidamente > 4 (t.d.) realizar (operação matemática, química etc.) < o. a mistura de substâncias terapêuticas > < o. uma multiplicação > 5 (t.i.) [prep.: com] ter trato, lidar (com negócio de natureza comercial ou financeira) < aquela empresa não opera com importados > 6 (t.d.int. e pron.) [prep.: de] submeter(-se) a operação cirúrgica < decidiu o. o paciente imediatamente > < aquele médico faz uso de técnicas conservadoras para o. > < operou-se do apêndice > 7 (t.d.int.) fazer funcionar ou funcionar; fazer entrar ou entrar em função ou atividade < operava aquela máquina de maneira desastrosa > < o relógio deixou de o. > < a empresa estará operando em breve > 8 (pron.) dar-se (algum fato); realizar-se, suceder, acontecer < operou-se grande mudança em seu temperamento > 9 (bit.) [prep.: em] realizar, efetuar, proceder a < a escola deve o. nos alunos, também, a formação moral > 10 (int.) eliminar os excrementos; defecar, obrar (HOUAISS, A., 2001, p. 2070)

operações e neste estágio sim as informações coletadas se conversam, possibilitando ações entre si trazendo possibilidades como a reversão e a formação de conjuntos teóricos de estruturas. Um exemplo disso são as operações matemáticas, como a *adição, que pode ser tanto executada física como mentalmente, tem seu inverso na subtração* e pode formar “*agrupamento*” lógico ou grupos algébricos.⁴⁰ Todo o fruto da interação, sendo ele físico ou mental passa pelo processo de operação. Essas duas possibilidades de coleta tem completa influência no processo de desenvolvimento cognitivo.

“[...] aquilo que é dado fisicamente é integrado numa estrutura lógico-matemática implicando a coordenação das ações do sujeito.”

(CELLERIER, G.; LANGER, J. in CARMICHAEL, L., 1977, p.75)

E tudo que é integrado e organizado, implica numa coordenação o indivíduo em suas ações internas e externas. E são essas coordenações que fazem o indivíduo.

Orientam o indivíduo por toda a vida e o processo de captação de informações se dá ainda quando se é embrião. Não é possível, de acordo com a teoria, dissociar as informações que se capta quando é criança das informações teóricas adultas, é uma continuação de raciocínio, um a eterna transformação e correlação. *Isso fica especialmente claro no campo das estruturas lógico-matemáticas*⁴¹ onde, por exemplo, a tabuada que se aprende se aplica posteriormente quase como um reflexo natural a complexos conjuntos de equações matemáticas. *Estas estruturas implicam essencialmente relações de inclusão, ordem e correspondência*⁴² e essas relações se dão a partir de um impulso biológico porque o desenvolvimento cognitivo já ocorre desde o ventre materno, portanto essas relações já se dão. Como consta na citação;

“[...] porque elas já existem na programação genética (DNA) do desenvolvimento embriológico, como também na organização fisiológica do organismo maduro, [...]”

(CELLERIER, G.; LANGER, J. in CARMICHAEL, L., 1977, p.76)

⁴⁰ (CELLERIER, G.; LANGER, J. in CARMICHAEL, L., 1977, p.75)

⁴¹ (Ibidem, p.76)

⁴² Ibidem

Essas relações dadas para a formação do sistema epistemológico, passam em si por esse processo até chegar o momento em que correspondem a estruturas fundamentais do comportamento e da inteligência no início de seu desenvolvimento.

“[...] antes de aparecerem no campo do pensamento espontâneo e posteriormente na reflexão.”
(CELLERIER, G.; LANGER, J. in CARMICHAEL, L., 1977, p.76)

Dessa forma, os axiomas formados tomam cada vez mais uma forma abstrata e esta se enquadra dentro da lógica e matemática desenvolvida que buscam em sua própria natureza a explanação argumentada sobre chamados fatos.

“Por isso a origem dessas estruturas lógico-matemáticas deveriam ser procuradas nas atividades do sujeito, isto é, nas formas mais gerais das coordenações de suas ações e, finalmente, nas suas próprias estruturas orgânicas.”
(CELLERIER, G.; LANGER, J. in CARMICHAEL, L., 1977, p.76)

Essa relação entre a *teoria biológica da adaptação por auto-regulação, a psicologia do desenvolvimento e a epistemologia genética*⁴³ é tão fundamental pois relaciona o gene com o processo de desenvolvimento da mente e das adaptações refletidas no corpo através das diversas influências externas que, sem ela *não se poderá estabelecer nenhuma teoria geral do desenvolvimento da inteligência*⁴⁴.

3.2. RELAÇÃO COM AGAMBEN;

Dado este processo e a partir dele se ergue como nele consta, inúmeras possibilidades de conexão dentro dos temas abordados. A ligação aqui proposta trata do primeiro momento onde nada se sabe e do impulso que faz gerar a ação da síntese de conhecimento e que mesmo ao conhecer continua pulsando, com o desenvolvimento das idéias quais os rumos e possibilidades que elas tem uma vez que adentraram o sujeito. Para isso, considero o proposto por Agamben como o gerador do impulso que possibilita o desenvolvimento cognitivo.

⁴³ (CELLERIER, G.; LANGER, J. in CARMICHAEL, L., 1977, p.76)

⁴⁴ (Ibidem, p.76)

O termo empregado por ele para denominar esse estado onde nada se sabe, *infância*, tem a mesma lógica da sua origem etimológica latina como já foi citado neste trabalho⁴⁵. Esse estado intrínseco ao comportamento humano é que torna possível ações como a cognitiva e esta torna possível todas as outras. Portanto, ao ligar a teoria de Piaget com os conceitos de infância propostos se tem que a infância é um estado essencial para toda e qualquer atividade desenvolvida pelo homem. Já que é ela quem torna a descoberta possível pois tem em sua natureza a ignorância e imaturidade sobre o todo. Essa essencialidade se mostra no próprio estudo sobre o desenvolvimento cognitivo apresentado anteriormente quando se fala por exemplo da axiomatização⁴⁶. Esta função decorrente de todo o processo cognitivo é a que “fundamenta verdades” para embasar as teorias internas de cada um ou de uma unidade de coletivo, como os grupos étnicos, religiosos, filosóficos, entre as inúmeras outras possibilidades de coletivos que se formam a partir de axiomas compartilhados. Esses coletivos também podem ser chamados de grupos de tradição.

“Tradição - substantivo feminino (1619) 1 ato ou efeito de transmitir ou entregar; transferência, ato de conferir 2 comunicação oral de fatos, lendas, ritos, usos, costumes etc. de geração para geração < t. esquimós > 3 herança cultural, legado de crenças, técnicas etc. de uma geração para outra 3.1 conjunto dos valores morais, espirituais etc., transmitidos de geração em geração < a geração hippie rompeu com a t. > 4 transmissão de uma notícia ou de um fato < t. oral > 5 em certas religiões, conjunto de doutrinas essenciais ou dogmas não explicitamente consignados nos escritos sagrados, mas que, reconhecidos e aceitos por sua ortodoxia e autoridade, são, por vezes, us. na interpretação dos mesmos 6 aquilo que ocorre ao espírito como resultado de experiências já vividas; recordação, memória, eco 7 tudo o que se pratica por hábito ou costume adquirido 7.1 uso, costume < a t. do feijão com arroz > 8 jur entrega, transmissão ou transferência de um bem ou direito a uma pessoa ou instituição< venda em que se dá a t. da coisa no ato da contraprestação>” (HOUAISS, A., 2001, p.2745)

⁴⁵ p.1 capítulo *Sobre a infância*.

⁴⁶ Vide nota de rodapé 7.

A idéia sobre este termo empregado no texto de Agamben é que esta é formada pelo fato de todo aprendizado não ter a susceptibilidade de ser registrado endossomaticamente⁴⁷ e armazenado numa memória genética, mas sim que ela terá de permanecer absolutamente no exterior do indivíduo e por assim ser só poder ser confiada ao esquecimento, ou seja, a uma memória exossomática⁴⁸ ou, como o escritor relaciona, uma tradição. Ele coloca a tradição como uma tentativa de preservação de uma ou mais memórias através de um meio externo de algum ou alguns processos desenvolvidos pelo sujeito ou por um coletivo de sujeitos visando um axioma comum. Relacionando isso com a teoria de Piaget, o conhecimento adquirido vem de fora e por mais que os processos dados para a internalização daquilo sejam interiores ao sujeito, a referência daquilo será sempre externa e para o processo continuar existindo e somando com o que já se teve de resultado haverá sempre a necessidade de um objeto, este que é separado do sujeito, portanto externo. Porém quando o objeto do sujeito está no próprio sujeito, é uma parte viva do seu processo cognitivo, a busca dele que ao mirar para fora é visa o conhecimento, quando mira para dentro, visa o autoconhecimento, ou seja a consciência de si. Em sua obra *A prática da psicoterapia*, Carl Gustav Jung fala sobre esse processo também enquanto tomada da consciência dos conteúdos até então projetados no indivíduo e as influências externas que agem no sujeito. Ele diz que essa ação pouco a pouco leva ao conhecimento do outro bem como o conhecimento de si e assim como propõe a teoria de Piaget, com seus processos de interação, construção, operação e axiomatização buscando sempre uma objetividade. Mas no caso de Jung, ele deixa claro o desenvolvimento do autoconhecimento. Ele afirma que é esse processo de conscientização do meio e de si que aponta o projetado no sujeito e o que o sujeito fantasia sobre si. E que essa busca dá a força a

⁴⁷ End(o)- prefixo do adv.prep. gr. *éndon* 'dentro, interiormente; no interior de'; este da prep.gr. *en* 'em; em direção a; ao lado de etc.', proveniente de uma raiz i.-e. **en* 'em, no interior de', ver l en-; ocorre já em voc. origin. grego, como *endógene/endógeno* (*endogenés*), já em cultismos, ger. das biociências, do sXIX em diante, entre os quais: *endabdominal, endadelfo, endameba, endaneurismorrafia, endaortite, endartéria/endoartéria, endartrite, endenergética, endestésico/endestético, endobacilar, endobiose, endoblasto, endobrânquio, endocárdio, endocárpico, endocéfalo, endocelular, endocímio, endócito, endocolite, endocório, endócrino, endoderma/endoderme, endofauna, endófito, endogamia, endoglobular, endognatia, endolinfa, endometamórfico, endomiceto, endomorfia, endoneuro, endoparasita/endoparasito, endopatia, endorradiografia, endorreia, endoscopia, endoteca, endovenoso, endozoário*; é frequente, neles, o contraste *endo-* 'dentro': *ex-*, *exo-* 'fora' (*endógeno:exógeno*) e, com o mesmo valor, *end(o)-:ecto-* (*endoderma:ectoderma*) (HOUAISS, A., 2001, p.1140)
 -somático -elemento de composição pospositivo, do gr. *sôma, atos* 'corpo' + o suf. — *íco* formador de adj.; estes são, em princípio, conexos com os subst. em -soma, ver (*cromossomático, psicossomático*); como, porém, -somo vem tendo progressiva preferência (em prejuízo de -soma), adj. em -sômico (ver) vêm, reciprocamente, prevalecendo, embora, virtualmente, todos os adj. em -sômico possam alternar, abundantemente, com adj. em -somático (*acrossômico/acrossomático, alossômico/alossomático* etc.) (HOUAISS, A., 2001, p.2605)

⁴⁸ Vide p.26 capítulo *Material Adulto*

conquista de tradições já que ela aponta as projeções vindas do meio para o sujeito e esse movimento mostra onde mora a tradição, como evidência na seguinte citação;

“Esse impulso em direção a uma consciência superior e mais ampla é que leva a forçar a conquista da civilização e da cultura”

(JUNG, C. G., 1988, p. 251, parágrafo 471)

Mas voltando a ação externa, que liga o sujeito com o objeto. E a forma que ela é dada pode vir a assumir é axiomas comuns a diversos sujeitos tornando assim uma tradição. Como por exemplo, o estudo da linguagem.

“[...]foram as crianças e não os adultos, as primeiras a acender à linguagem; e, mau grado os quarenta milênios da espécie do *homo sapiens*, aquilo que constitui precisamente a mais humana das suas características - a aprendizagem da linguagem - permaneceu estreitamente ligado a uma condição infantil e a uma exterioridade: quem acredita num destino específico não pode, verdadeiramente, falar.”

(AGAMBEN, G.,1999, p. 93)

As tradições, por sua vez, como embasam o comportamento do ser humano podem vir a tomar um caráter controlador simplesmente ao ignorar o fato da infância. Essa grande hipocrisia se dá na ilusão da tentativa de imitar a natureza do ser partindo de convenções que justifiquem aquela natureza e na de salvar, além do que se pode ser salvo como por exemplo o futuro, *aquilo que nunca poderá ser salvo, que está assim, perdido para sempre, ou melhor, nunca foi possuído como uma propriedade específica, mas que, precisamente por esta razão, é inesquecível*⁴⁹, o próprio não-saber espontâneo este que quando é visualizado mora no passado portanto, visa mudar a natureza essencial e os passos que já foram dados. Essas são as culturas degradadas como colocado por Agamben. As culturas genuínas são aquelas que consideram essa *originária vocação infantil da linguagem*⁵⁰ e propõe seus axiomas em cima dessa possibilidade constantemente variável, que assumem uma visão amplificada das situações e não uma visão fechada. Quando há a negação da infância dentro de um axioma coletivo, o impulso do ser que este segue é se fechar numa tradição específica, formando

⁴⁹ (AGAMBEN, G.,1999, p. 94)

⁵⁰ (Ibidem, p. 93)

assim um ciclo que só poderá ser libertado com uma consciência do estado de natural de não-saber.

A verdadeira natureza dessa infância colocada por Agamben, trata-se de não recordar verdadeiramente nada.

“Por isso, antes de transmitir qualquer saber ou qualquer tradição, o homem tem necessariamente de transmitir sua própria distração, sua própria não-latência indeterminada, pois só nela se tornou possível qualquer coisa como uma tradição histórica concreta.”

(AGAMBEN, G.,1999, p. 93)

Assim se libertando de qualquer memória ou dado que lhe tenha acontecido ou manifestado, assumindo sua própria distração. Como uma eternidade que nada sabe. Dessa forma quando o novo for dado ele será tomado genuinamente como novo e estará livre dos meros julgamentos impostos pela memória que se originou da mesma forma que o fator novo está se dando. Ao se libertar dessas amarras em forma de memórias a criança na infância abre a possibilidade da mudança. De aquilo que foi dado tomar um novo rumo e não obrigatoriamente, como propõe as memórias, um rumo já direcionado, uma expectativa a ser cumprida pelas ações necessárias a interação entre o sujeito e objeto. E também ao não recordar nada a infância automaticamente possibilita o acesso ao tudo a toda a memória, dado que só existe nada se houver o tudo, e quando ambas as forças são inteiramente consideradas, uma toma a forma da outra.

“[...] enquanto nada, antecipa toda a presença e toda a memória.”

(AGAMBEN, G.,1999, p. 93)

Entre essas duas amplas variantes é onde habitam todas as possibilidades a serem desenvolvidas pelo processo cognitivo. E o todo o material descrito e ligado leva ao ponto que responde a pergunta - Quem define o local do sujeito em meio a tantas variantes? Ou mais ainda, o que impulsiona sua escolha? Pode-se dizer que sempre há muitas possibilidades, mas esse julgamento de notar que existem opções já é uma ação dada pelo processo cognitivo. Portanto não há como julgar o que há no desconhecido antes da primeira ação. E a resposta aqui proposta é, *a infância*. Nela se tem toda a inocência e todo o não-saber necessário para pulsar uma busca. E não necessariamente consciente. Essa busca é dada mesmo que o

indivíduo viva toda a vida imerso em ignorância, mas mesmo assim ele terá vivenciado o processo cognitivo originado na infância de onde nada se sabe.

“Do mesmo modo, o inconsciente humano contém todas as formas de vida e de funções herdadas da linhagem ancestral, de modo que em cada criança preexista uma disposição psíquica funcional adequada, anterior à consciência”

(JUNG, C. G., 2000, p. 293, parágrafo 673)

3.3. CONCLUSÃO DO DESENVOLVIMENTO DA IDÉIA;

As relações vigentes entre as pesquisas desenvolvidas pelo epistemólogo suíço Jean Piaget, o filósofo italiano Giorgio Agamben e o psicanalista suíço Carl Jung apontam entre si um ponto inicial para futuros e infinitos desdobramentos. Cada teórico, a partir desse ponto comum na origem de seus processos cognitivos, seguiu com as progressões que a vida os introduziu e que seus desenvolvimentos individuais conseguiram relacionar. Até chegarem a ponto de discorrer sobre a própria origem do desenvolvimento da idéia, esta que nesse ponto toma forma da infância incutida em cada ser vivo munido de poder para desenvolver a cognição.

4. SOBRE O MATERIAL ADULTO;

A partir do que foi dado sobre a infância e sobre o desenvolvimento da idéia, nota-se um ponto comum o que ruma do desconhecido para o conhecido. Este trajeto se dá na busca pela objetividade dentro de um assunto ou também da partida da ignorância e imaturidade rumo a sapiência e maturidade dentro do assunto. Dentro desse processo, tudo o que é desenvolvido pelo homem é um produto de si mesmo que reflete aonde esse homem está nesse caminho que parte de um ponto de origem comum a todos os seres que desenvolvem esse processo a rumarem ao aperfeiçoamento individual. Esses produtos quando externos ao homem, seja no nível da palavra ou da construção de objetos externos, tem em si o poder da influência, gerando o mesmo movimento que ocorreu para que ele fosse criado, o poder de ser o objeto a se relacionar com o sujeito. Portanto, todo e qualquer material já executado pelo homem, no que diz respeito ao desenvolvimento dessa pesquisa, trás em si o que forma quem o criou ou mesmo que um grupo, revela os axiomas comuns de cada parte integrante.

Para o que diz respeito a esse devido processo nessa pesquisa o termo *Material Adulto* será empregado. Material, por remeter ao resultado de uma ação com intenção de criação de algo. E adulto, primeiramente se relacionando com o termo infância por várias vezes empregado no desenvolver da pesquisa, que trás o estado de não-saber, logo o referente adulto induz a quando já se tem alguma informação enraizada, quando está no estado de saber. E também pela origem etimológica da palavra⁵¹a qual trás uma relação com ser destruído pelo fogo, sacrificado pelo fogo. O que se diz do *Material Adulto* então, é o que já foi consumido a infância queimada, o conhecimento em forma de matéria, de cinzas.

A possibilidade da elaboração deste material é dada nas construções que partem da infância rumo a objetividade dos assuntos incutidos no ser pelo processo cognitivo. Considerando que a objetividade não é um ponto marcado e final e sim uma direção e em qualquer altura desse caminho pode-se surgir um fruto desse conhecimento, ou seja, um *Material Adulto*. A única condição para a existência desse reflexo externo do “si” é o enraizamento em algum argumento com o qual o sujeito teve contato, algo para se falar sobre, mesmo que a raiz seja nova, um jovem broto. Mas é a partir desse movimento que o agente criador tem raiz para criar. O desenvolvimento do *Material Adulto* não está relacionado com as características temporais ou físicas do sujeito mas sim com o seu processo epistemológico. E o material criado não é em si absoluto e fechado, o agente acreditando nisso ou não. No próprio desenvolver da teoria sobre o desenvolvimento cognitivo proposto por Piaget, no texto de Agamben sobre a infância e nas constatações de Jung, fica claro que o ser está em constante mudança e que torna se fechar em uma única realidade um grande equívoco.

“O próprio organismo vivo não é um mero espelho das propriedades de seu ambiente. Este desenvolve uma *estrutura* que é construída passo a passo, no decorrer da epigênese, e que não é inteiramente pré-formada”

(CELLERIER, G.; LANGER, J. in CARMICHAEL, L., 1977, p.75)

“A cultura e a espiritualidade genuínas são aquelas que não esquecem esta originária vocação infantil da linguagem humana”

(AGAMBEN, G., 2000, p.93)

⁵¹ Vide nota de rodapé 25.

“Ela⁵² transcende amplamente os limites desta última⁵³, podendo-se compará-la a uma ilha no meio do oceano. A ilha é pequena e estreita, o oceano é infinitamente amplo e profundo e encerra uma vida que, sob todos os aspectos, supera a ilha, tanto em seu modo quanto em sua extensão.” (JUNG, C.G., 1995, p. 89, parágrafo 141)

Por mais que a influência exercida a partir dele seja irrecuperável, sua qualidade e forma são sempre ajustáveis, dado que a mente é quem sela essa possibilidade e esta está em constante mudança. O agente criador que vê em sua obra uma limitação faz parte de uma cultura, como diz Agamben, *degradada*⁵⁴.

Nesse nível a mente já mostra sua infinitude de possibilidades, já que o que no início foi inteirado no ser, já faz parte de suas ações e pensamentos que com as novas informações adquiridas pelo mesmo processo da primeira, formam uma rede de conexões quando a própria mente do sujeito se torna objeto e as informações que lá constam se conectam entre si. E dados os processos de maturação e exercício voluntário, a inteligência chega por si só a novos horizontes.⁵⁵

Portanto, o termo colocado *Material Adulto*, fala sobre um reflexo exteriorizado do que foi captado e transformado no processo metal, que carrega em si todas as possibilidades de mudança e relação possíveis para o criador daquilo ou mesmo para um terceiro que teve aquilo captado e transformado em si e age em cima daquele material, como por exemplo, a forma que é dada essa pesquisa.

A natureza do *Material Adulto* é exossomática. Do Grego prefixo *exo*, fora e *sōmatikos* ou somático, relativo ao corpo⁵⁶, portanto o que consta fora do corpo. O termo oposto usado para o que consta no corpo é endossomático do Grego *endon* que significa dentro. Como disse o matemático e fundador da bioeconomia Nicholas Georgescu-Roegen em seu ensaio *Energia e Mitos Econômicos*;

“Descontada a espécie humana e excluindo alguns casos de menor importância, todas as demais espécies valem-se apenas de instrumentos endossomáticos [...] (como pernas, garras, asas e assim por diante) que pertencem aos organismos individuais *desde o nascimento*. Apenas o homem foi

⁵² A infância.

⁵³ A mente.

⁵⁴ Vide p.22 capítulo *Desenvolvimento da Idéia*.

⁵⁵ p.17 capítulo *Desenvolvimento da Idéia*.

⁵⁶ Vide nota de rodapé 48.

capaz de utilizar, depois de algum tempo, um cajado que não lhe pertencia de nascença, mas que ampliava o seu braço endossomático, aumentando-lhe o poder. Nesse instante do tempo, a evolução humana ultrapassou os limites biológicos para também incluir (e este é o aspecto de relevância) o desenvolvimento de instrumentos exossomáticos – ou seja, de instrumentos produzidos pelo homem e que não faziam parte de seu corpo. Essa é a razão pela qual o homem está, hoje, em condições de voar ou de percorrer o fundo dos mares, embora o seu corpo não possua asas, barbatanas ou guelras.”

(GEORGESCU-ROEGEN, N., 2005, p. 35)

Tudo que é criado pelo homem para o meio é um objeto separado de si salvando as idéias, preservadas através da tradição e da edificação de mitos essas que não fazem parte do seu corpo físico propriamente. Esse material quando exteriorizado instantaneamente se torna objeto comum tomando forma de uma memória externa, uma continuidade de tradição. Essa passada principalmente pela linguagem.

“Outra espécie de memória é artificial e consiste em essencialmente papel escrito”

(JUNG, C. G., 2000, p.293, parágrafo 673)

A partir dessa memória é que os axiomas do meio que servem de influência a todos são dados. A cultura, a arte, a linguagem, a religião são grandes axiomas que tem em si uma forma para se manter tradições como uma macro esfera de preservação quando a micro esfera é feita dos axiomas escolhidos enquanto tema abordado. Por exemplo os usos e costumes.

Mesmo para o criador o *Material Adulto* se torna um novo objeto que faz o processo cognitivo construir novos construtores. Mas a quem mais esse material influência é o sujeito que ainda está na infância daquele tema abordado no material ou mesmo quando é uma sutil infância que constitui uma pequena parte dessa rede de idéias desenvolvidas pelo processo cognitivo dado no sujeito. E quando esse primeiro contato acontece é que todo o desenrolar sobre esse novo assunto que se dará no futuro toma um primeiro impulso, um alicerce ou uma primeira opinião.

“A primeira impressão é a que fica.”

(Dito popular)

A formação da inteligência supera qualquer primeira impressão conforme seu conhecimento vai sendo expandido. Mas quem originou essa busca foi aquela primeira dada.

E esta por todo o processo carregará o peso de ser o primeiro contato com aquela realidade até então desconhecida. Sem esquecer que o próprio fato da informação ter sido captada por outro ser já a faz uma informação diferente da de origem, já estando ligada a pontos em que quem a possibilitou possivelmente nunca relacionou conscientemente. É essa característica que faz cada *Material Adulto* desenvolvido único e específico. Como é colocado na teoria de Piaget, a idéia de *a única função da inteligência ser registrar, corrigir, etc...*⁵⁷ é equivocada e pode ser *desmentida em todos os níveis do conhecimento*⁵⁸, já que ele defende a base do aprendizado é a transformação, como já foi colocado no capítulo *O desenvolvimento da idéia*;

Todo e qualquer aprendizado, de acordo com Piaget, é dado primeiramente através de transformações. Essas que ocorrem no sujeito que recebe a informação do meio externo e conecta com as que se tem internamente. Essa transformação é dada por diversas ações internas, combinações, dissociações, entre outras. Durante essas ações, o conhecimento vai sendo fundamentado e no próximo momento, já haverá algo dele naquele sujeito, de uma forma única e específica, de um ponto de vista singular sobre aquilo dentro de todos os outros pontos de vista.⁵⁹

Portanto a forma que uma exteriorização é dada e as características que a fundamentam são de suma importância para a continuidade daquela informação. Considerando a responsabilidade que é produzir algo externo que servirá de apoio a indefinidos números de processos cognitivos, logo formação de indivíduos para seu meio.

A fonte de todo o aprendizado ou o objeto que interage com o sujeito é de alguma forma criado seja fisicamente seja em conceitos. Mas quando o sujeito inicia a interação com o objeto ele está acessando o que esse tem de *Material Adulto* daquele objeto, o que se capta dele é o que o forma enquanto matéria criada. Mesmo a natureza carrega em si os Materiais Adultos estipulados pela palavra, pela ciência. Ao comparar a teoria do desenvolvimento de Piaget com o termo proposto, o ponto em comum entre os dois é que o *Material Adulto* aqui proposto se assemelha no conceito objeto, que Piaget retrata. Dado que este é inicialmente desconhecido e que o limite entre o sujeito e ele é indefinido, mas em sua natureza para si mesmo já existe uma formação e características que podem ser analisadas. Estas que a partir do início do processo cognitivo se revela ponto a ponto e se relaciona com o que o sujeito já

⁵⁷ (CELLERIER, G.; LANGER, J. in CARMICHAEL, L., 1977, p.72)

⁵⁸ (Ibidem, p.72)

⁵⁹ p.12 capítulo *Desenvolvimento da Idéia*.

carrega nele, rumando o maior conhecimento daquilo ou seja maior objetividade⁶⁰. Ainda comparando com Piaget, quando o primeiro contato entre sujeito e objeto é traçado e a ponte que os liga também define o papel de cada um na relação, se iniciam as interações que se combinarão, transformarão, construirão, operarão e por fim formaram axiomas embaixadores da vida do sujeito. É com essas operações acontecendo que a inteligência torna capaz a criação de algo externo a si, quando existir qualquer axioma que por algum impulso (consciente ou não⁶¹) de ação se torne matéria. O sujeito criador é o mesmo sujeito captador e que o que este sujeito colheu em sua infância, serve hoje de matéria prima para suas criações.

“Não pode haver descontinuidade teórica entre o pensamento tal como aparece na criança e o pensamento científico adulto”

(CELLERIER, G.; LANGER, J. in CARMICHAEL, L., 1977, p.76)

Na infância, quando vivida no estado da criança, é tomado um cuidado com o ser por este não ter a malícia “necessária” para viver no sistema que a sociedade impõe. Por isso o material proposta as crianças tem em sua proposta uma inocência, com a possível tentativa de preservação dessa essência. Deixando que ela rompa quando a vida assim o impuser. Mas essa postura assumida é ilusória. Dado que a vida se encarrega em apresentar as “malícias” do sistema uma vez que se vive nele. E a cultura ou qualquer outra denominação dada para um axioma comunicador, é quem tem o poder de nutrir a antítese do que se é requerido pelo meio. É uma grande ilusão a tentativa de privar as crianças de qualquer realidade posta em páginas, cenas, gravuras, etc... Esse julgamento equivocado dos que se dizem adultos se dá pelo fato da não consciência do estado da infância pois quando há essa consciência é natural o acesso a informações externas ao ser com o tom do descobrimento e não da manipulação. Essa ação presunçosa classificatória por mais que esteja embebida na ilusão de agregar está somente facilitando o distanciamento do interesse da criança a qualquer coisa que esteja fora da “malícia” do sistema. Sobre a literatura fala o autor do livro *Contos e Poemas para Crianças Extremamente Inteligentes de Todas as Idades*, Harold Bloom,

⁶⁰ Vide p. 13 capítulo *Desenvolvimento da idéia*.

⁶¹ Dado que a arte pode ser vista tudo.

“[...] não concordo com a categoria 'literatura para crianças', ou 'literatura infantil', que teve alguma utilidade e algum mérito no século passado, mas que agora é, muitas vezes, a máscara de um emburrecimento que está destruindo a nossa cultura literária. A maior parte do que se oferece nas livrarias como literatura para crianças seria um cardápio inadequado para qualquer leitor de qualquer idade em qualquer época.”

(BLOOM, H., 2003, p.12/13)

Quando o autor se refere ao mérito dado a essa ação de classificar dada no passado ele se refere ao movimento ocorrido na Europa referente as idéias pedagógicas e o potencial que literatura tem como veículo dessas idéias. Os livros nessa época *não tinham apenas o objetivo de entreter a criança e transmitir-lhe noções morais. Muitos visavam, propriamente, transmitir, de maneira suave, os conhecimentos necessários às várias idades. É quando melhor se podem observar os três aspectos da Literatura Infantil: o moral, o instrutivo e o recreativo*⁶². Neste caso, a ilusão que a distinção agrega pode ter tido seu tempo de funcionamento mas na própria natureza do desenvolvimento da cognição isso é rebatido, dado que uma criança ao ter acesso a uma informação classificada como “adulta” desenvolverá construtores da mesma forma que o indivíduo o qual a informação é destinada. Com a única diferença de quando a informação for ser transformada dentro do processo epistemológico, o material que será relacionado é referente a um ser que viveu e captou por menos anos do que o que tem a indicação para acessar a informação.

A grande questão no discernimento do que veicular a cada idade não é necessariamente o conteúdo colocado no *Material Adulto* mas sim, a forma que ele é colocado. Se ela é dada de uma forma esclarecedora que agregue ao sujeito, as decorrências dessa interação terão um fundamento claro sobre aquilo, mesmo considerando que não há como ter uma forma absoluta de clareza, sempre haverá um ponto desconhecidos. Mas se a informação é apresentada e não fundamentada o que virá da interação é naturalmente sem fundamento. E como o processo de interação do sujeito com o objeto nasce o que fundamenta as ações quando se tem algo vil como base o comportamento reflete essa verdade então o oposto se faz verdadeiro. Quando há um bom embasamento sobre diversos assuntos, o comportamento do indivíduo se da com mais segurança e firmeza e o que for derivado dali terá no mínimo uma base que de alguma forma se faz sólida.

⁶² (MEIRELES, C., 1984, p.99)

Historicamente essa base já passou por inúmeras mudanças e por consequência gerou diversos tipos de indivíduos que fundamentaram mais mudanças. Como a grande mudança de ideal que aconteceu no século XVIII na Europa no período da revolução francesa. Essa mudança foi tão decisiva que se reflete até nos dias atuais.

Houve um questionamento sobre o que era bom num âmbito geral. Antes do fato acontecer a felicidade era relacionada com a tradição e o pensamento que regia era o de “o que é bom é o que foi testado pelo tempo, qualidade, aceitação de todos e endosso de Deus”, o que era novo era ameaçador como quando alguém queria atacar uma nova política proposta durante a revolução inglesa contra Carlos I no século XVII, se usava o termo *Dangerous Innovation* ou inovação perigosa que para a época soava como um pleonasma já que o novo já era o perigoso. O que valia era estar sobre uma sólida e velha tradição. Mas por volta de meio século depois um fator geofísico literalmente abalou essa tradição. Um terremoto aconteceu em Lisboa e neste houveram muitas mortes e muitos feridos. Uma manifestação geral aconteceu, pelo fato de muitos inocentes terem sido atingidos por tamanha desgraça. Como a verdade e a felicidade da época eram vistas numa forma de submissão das vias divinas, um conformismo assegurado pela igreja, o acidente tomou forma de injustiça e a segurança garantida através do cristianismo dada por Deus foi colocada em dúvida. A pergunta era o porque tantos fiéis entregues a Deus e suas vontades colheriam um infortúnio tão grande em suas vidas rendidas. Essa dúvida se fez possível pelo fato do cristianismo pregar o monoteísmo de um Deus onipotente e maniqueísta⁶³ e assegurar que a filiação a esse Deus garantiria segurança, felicidade e vida eterna. Esse axioma que fundamentava tantas vidas, teve uma influência externa de tamanha a força que se fez possível de questionar. Esse incidente natural fez com que a imagem de felicidade, em seu mais profundo significado, começasse a mudar de figura. A mudança de fundamento para os novos *Materiais Adultos* que viriam tinha tomado seu primeiro grande impulso. Ali houve a grande prova que a felicidade precisava ser reinventada. Quarenta anos depois em meio a revolução francesa o aspirante a literário, pensador e político Saint-Just braço direito de Robespierre, uma das figuras mais

⁶³ Maniqueísmo - substantivo masculino (1858) 1 rel dualismo religioso sincretista que se originou na Pérsia e foi amplamente difundido no Império Romano (sIII d.C. e IV d.C.), cuja doutrina consistia basicamente em afirmar a existência de um conflito cósmico entre o reino da luz (o Bem) e o das sombras (o Mal), em localizar a matéria e a carne no reino das sombras, e em afirmar que ao homem se impunha o dever de ajudar à vitória do Bem por meio de práticas ascéticas, esp. evitando a procriação e os alimentos de origem animal 2 p.ext. qualquer visão do mundo que o divide em poderes opostos e incompatíveis< admitir que os bons sejam sempre bons e os maus sempre maus é uma demonstração de m. > 2.1 reconhecimento de que a matéria é intrinsecamente má (HOUAISS, A., 2001, p.1838)

importantes da revolução, propôs um projeto de lei curto e preciso que diz — A felicidade é uma idéia nova na Europa e nessa proposta o argumento colocado como novo não foi a felicidade em si mas sim, o fator novo relacionado a ela. Esse foi o ponto inicial de uma grande mudança nos axiomas que se tinham enquanto verdade. O que ele propôs foi, em outras palavras, mudar o foco que estava no antigo e tradicional e o voltar ao novo, ao desconhecido. Pelo processo cognitivo, entende-se que tudo é novo mas o que Saint-Just propunha não estava relacionado com o desconhecido enquanto objeto de interação do sujeito mas sim, enquanto axioma a se relacionar, enquanto tradição. Ele propunha assim como Agamben que ao se depara com o desconhecido não o temesse mas sim o encarasse com a ignorância e imaturidade de ver o todo naquilo, viver o novo plenamente, para que o bom e o mau sejam decorrências. Mas como ele relacionava essa mudança com a felicidade, já havia uma pré-opinião que aquilo se daria positivamente formando assim uma tradição que se voltasse para o novo. Junto com a idéia da nova felicidade meio ao julgamento de que tudo o que veio antes era submissão se iniciou a idéia que o novo é bom e o velho é ruim. Idéia atrelada a nossa natureza até hoje. A tradição teve que ser reinventada no século XVIII e isso não foi uma tarefa árdua dado que idéias novas são geradas o tempo todo na distração⁶⁴ natural do homem. E foi em cima dessa possibilidade de novas idéias que a nova tradição se fundamentou e o novo virou sinônimo de felicidade.⁶⁵ Desse ponto surgiu o que se pode chamar de novo mundo e neste a felicidade está tão profundamente atrelada ao novo que o desconhecido interessa em absoluto. Mas essa busca onde nada se conhece gera um obstáculo natural o fato do novo ser tão valorizado e a fala sobre agir de uma forma diferente é tão repetida que a nossa ação geralmente fica aquém da nossa intenção de mudar. O *Material Adulto* criado sob esses parâmetros não tem axiomas sólidos para se apoiar, o axioma que o segura é referente ao desconhecido e suas infinitas possibilidades interessantes. Mas essa tradição é totalmente ampla e possibilita em si que qualquer ponto avistado do novo que se mostre interessante por qualquer natureza e tome proporções que sejam suficientes para embasar uma exteriorização de idéias. Em outras palavras, torna algo raso possível de se ter como axioma base para a criação de uma *Material Adulto*. Essa nova possibilidade desenvolvida pelo ser humano tem em si suas vantagens e seus perigos. Assumir o novo

⁶⁴ Vide p. 22, “Por isso, antes de transmitir [...] coisa como uma tradição histórica concreta.”

⁶⁵ Informações coletadas na entrevista do filósofo Renato Janine Ribeiro para o programa *Café Filosófico* da TV Cultura.

enquanto base é também busca-lo incessantemente e isso origina um desgaste já que o que se tem é considerado ruim e que o que é bom, está a frente, em um lugar onde ainda não chegou.

Dado que a percepção do mundo externo pelo homem é feita através dos sentidos e que esses são facilmente manipulados e iludidos essa escolha de ter no novo um fundamento pode ser absolutamente ilusória ou impulsiva pois se um dos sentidos é pego por uma ilusão e em cima dela exterioriza o que ocorreu dentro de seu processo cognitivo, esse fruto quando for acessado por outro ser terá nada mais que uma ilusão enquanto base e esse sujeito que interage com esse objeto terá sua formação epistemológica baseada portanto na ilusão da ilusão. Por exemplo os valores atuais, como a beleza física, que no Brasil é associada com uma certa idade⁶⁶, entra no conceito em que o novo é o bom e o velho é o ruim equivocadamente pois necessariamente todos que viverem até a velhice continuaram belos aos olhos de quem o vê e mesmo quem hoje crê no belo jovem quando for velho perceberá a beleza, ou não, tudo isso depende da tradição que essa pessoa toma por sua verdade. Tomar o novo como verdade essencial é de certo a ignorância não aquela colocada no capítulo infância, que fala sobre o não-saber essencial, mas aquela que consiste em não saber e agir como quem sabe, uma prepotência do conhecimento. Isso também afeta, uma possibilidade para o que for elaborado em cima desse posicionamento servir de base para outros indivíduos, o que gera um grande equívoco pois o que está sendo afirmado e partilhado é vazio de conhecimentos para todos que o acessam e futuramente os que acessaram esse material. E quando se está fundamentado nisso, o risco de ter um contraponto válido é muito grande e o comodismo de não ir atrás de mais conhecimento sobre aquilo é grande a ponto do risco se tornar avassalador pois quanto mais conhecimento se tem, maior liberdade de afinamento de desejos conseqüentemente maior possibilidade de frustração naquilo então para se precaver menor o contato do homem que se embasa na ignorância com o conhecimento.⁶⁷

Mas essa ignorância não é necessariamente uma opção. Os Materiais Adultos veiculados nos pontos de maior acesso hoje são banhados por essa ignorância. E mesmo quando parecem ter algum fundamento real, podem por muito estar gerando somente esta ilusão.

⁶⁶ Ibidem.

⁶⁷ Ibidem.

“A era da informação tornou a tela mais importante - filmes, televisão, computadores pessoais [...]”

(BLOOM, H., 2003, p.14)

Tudo que passa de informação, principalmente na tela é muito imediato nos dias atuais, em cada segunda mora uma tonelada de informações. Estudos sobre o comportamento do cérebro ensinam como transmitir informações sem mesmo que seja percebido por exemplo, o estímulo das cores usado no fundamento da linguagem visual midiática.

“Há doravante no que se refere à ordem social e política, um problema específico da infância, a exemplo da sexualidade, da droga, da violência [...]”

(BAUDRILLARD, J., 2002, p.51)

Temas como os citados por Baudrillard são corriqueiros nos meio de comunicação de massa. Meios que a população tem acesso gratuito e ilimitado tratam desses temas e ainda colocam que ao mostrar estão fazendo um bem público alerta a essa suposta realidade. Porém o que passa direto pelo olhos dos espectadores é que o que lhes é dado enquanto referência é o que forma sua a própria ação como a teoria de Piaget deixa bem claro. Num primeiro momento como afirma a teoria, o papel do sujeito e do objeto são indissociáveis e considerando que os objetos mais propostos por essas mídias instantâneas abordam temas levianos quando as partes se conectam pela interação, a ação que é dada pelo sujeito que estava vivendo a infância naquele assunto é reflexo do *Material Adulto* que lhe é proposto portanto acaba tendo uma ação leviana também. Mas se o sujeito tem em si alguma informação que contraponha ou preencha essa informação vaga e equivocada ele em si sintetiza aquilo de uma forma que agregue. O ponto em questão é que os filhos da Era da informação, a tem como mãe e dela tiram toda a verdade necessária para a vida.

“Com efeito, não se trata mais de uma criança, mas de um ser de substituição, que perde a alteridade natural para entrar numa existência satélite, na órbita artificial do mesmo e que enfrentará cada vez dificuldades maiores para destacar-se e encontrar, não a sua identidade e sua autonomia, como teimam em repetir-lhe, mas sua distância e estranheza.”

(BAUDRILLARD, J., 2002, p.52)

Doravante a tamanha influência de um meio só, o grande comunicador dessa órbita artificial, outro meios de comunicação continuam seu serviço as vezes direcionados pelo mesmo que direciona a grande massa visando o lucro essencial para a sobrevivência, ou também como os que fazem por um ideal, uma força motivadora que supera a própria opinião da maioria, conseguindo assim levar em seu material exossomático algo mais do que o comumente apresentado. Para essa potência existir por muito ela se transforma em luxo dado que alguns temas escolhidos são compreendidos a ponto do criador ser recompensado somente por uma parcela da população e que este criador ao se dedicar a essa “estranheza” por assim dizer e a ter como meio de sobrevivência precisa cobrar altos valores para o acesso àquilo.

“ O público, a fina flor, a nata da nossa civilização afastou-se de suas raízes e está na iminência de perder sua vinculação com a terra. São pouquíssimos os países civilizados, na atualidade, cujas camadas populacionais inferiores não se encontram num inquietante estado de conflitos de opinião.”

(JUNG, C. G., 1995, p.83, parágrafo 134)

Mas estes também estão influenciados pela órbita artificial de Baudrillard. Não há como fugir dessa cena que nos persegue diariamente com suas infinitas propagandas e anúncios de desconto. Mas os que optam por fazer diferente e mais que isso, tornar esse diferente acessível de forma que vire comum e normal, não recebem necessariamente seus pagamentos em notas ou depósitos bancários mas sim na certeza de estarem comunicando algo que vai além do que a tradição do novo ensina, fugindo da certeza investida no desconhecido, mas a partir dela, comunicam o que lhes é dado na infância verdadeira, no que ainda se vincula a terra enquanto essência no impulso de fazer e assim tornar melhor essa forma genuína exossomática é nova para os filhos da Era da informação, instantânea e rasa. A retribuição vem pelas mãos da transformação, essa que inicia o processo de relação entre sujeito e objeto.

5. DESENVOLVIMENTO DO CICLO;

Com esses termos propostos se desenvolve um ciclo que os une dando passagem de um tópico para outro. O ciclo representa o processo de transformação do estado do não-saber

passando pelo fase onde se sabe algo sobre o tema e finalizando quando o tema é exteriorizado de alguma maneira e este servirá de objeto para o sujeito que ainda vive a infância naquele tema.



5.1. SOBRE *MATERIAL ADULTO*;

No ciclo é proposto um ponto referente ao *Material Adulto*. Este ponto já explicado anteriormente e de profunda importância na formação do indivíduo constitui um local de referência para quem o vê. Em outras palavras por ser um material externo quem estiver em contato com ele estará sendo influenciado pelo mesmo. E para o sujeito que estava vivendo a infância daquele objeto essa primeira relação é além de influenciadora, formadora. E essa relação se dá em todos os aspectos da interação, mesmo nos mais sutis, dado que as consideradas irrelevâncias do objeto também fazem parte dele portanto estão agindo sobre o sujeito que com ele interage. Exemplos como cor, textura, forma, volume, etc... tem em si um grande poder de direcionamento de opinião, por carregarem axiomas incutidos no coletivo e serem compreendidos somente pela forma que é dado.

Estudos sobre o comportamento do cérebro ensinam como transmitir informações sem mesmo que seja percebido, por exemplo, o estímulo das cores usado no fundamento da linguagem visual midiática.⁶⁸

Dentro do ciclo esse ponto representa a origem formadora. É a partir dele que quem o acessar desenvolverá sua própria forma daquilo tendo o ponto acessado como base. E se baseando nele o sujeito que interagiu terá em si aquilo, incutido na sua essência e pronto para relacionar este novo conhecido ponto de vista com toda sua cadeia em processo cognitivo

⁶⁸ p. 32 capítulo *Material Adulto*.

interno e com toda a nova referência que lhe chegar. Esta amplitude de conhecimento é dada parcialmente consciente e inconscientemente mesmo que não percebamos o quanto o *Material Adulto* que acessamos influi no inconsciente.

O *Material Adulto* é dado através de todas as formas possíveis se fazem visíveis aos nossos sentidos mesmo as que o homem não criou, as criadas pela natureza passam pela visão do homem na formação de conceitos e idéias sobre aquilo. Isso já é em si um apontamento externo ao homem, e ao tornar linguagem, da espécie que for, já está sendo criado um *Material Adulto*. Dentro das formas criadas pelo homem, existe uma infinidade de objetos e axiomas criados fazendo disso uma espécie de anti-natureza, ou formas que constituem uma natureza artificial elaborada pelo homem.

Dentre as inúmeras possibilidades de *Material Adulto*, a arte é uma que ao mesmo tempo que consiste em todas visto que é possível a encontra em todos os lugares somente ajustando o ponto de vista dentro de um axioma e em nenhuma, por consistir em uma forma específica de material externo. Por isso a abrangência, profundidade e o potencial de influência dados nela. Historicamente a arte sempre refletiu as mudanças nas tradições de todos os tempos. A evolução humana dada por mais relações dentro do processo epistemológico através da capacidade de maior assimilação de pontos e criação de materiais exossomáticos com mais funções interligadas são reflexos visíveis na arte. As relações cognitivas iam se dando e se tornando externas e se firmando em axiomas comuns. Dada a forma de cognição proposta pela teoria de Piaget, foi desta forma que o rebuscamento de técnicas foi ocorrendo. Exemplos temos na genealogia do ser humano inteira. No período paleolítico - período da pedra lascada - as criações exossomáticas eram dadas pela forma que caracterizava o período era a partir de pedras lascadas que faziam instrumentos para caça, estes que constam hoje nos mais renomados museus do planeta enquanto grandíssimas obras de arte muito mais pelo seu valor histórico explicativo do que de fato pela forma. Mas esta por mais rude e sedimentar ainda influi os seres que a acessam. Mas como este fato ocorreu há muitos mil anos atrás aquilo que naquele momento caracterizou um grande avanço, uma novidade, hoje já está intrínseco ao comportamento humano, mas nem por isso deixa de afetá-lo. Observando o período seguinte, o neolítico - período da pedra polida - ou na etimologia da palavra, *neo*, novo e *lítico*, pedra, se iniciou o processo de polir a pedra para confecção de materiais além disso houve a elaboração de teares simples, cerâmica, barcos, palafitas e cabanas, a agricultura, entre outras tantas inovações que só puderam acontecer pelo fato de

antes, o ser humano ter concebido lidar com a pedra lascada e tornar disso um axioma comum, uma tradição. Essas inovações dadas a mais de dez mil anos antes de Cristo consistem até hoje em parte da base da civilização humana. Elas também se tornam axiomas básicos para o funcionamento do sistema em que dali se desenvolvia. Essa base trouxe a possibilidade do aperfeiçoamento e refinamento das técnicas tornando também a arte comum a todos já que axiomas referentes a ela eram desenvolvidos mais e mais e até hoje. A continuidade da história humana refletida na arte se dá em todos os outros períodos. Dessa forma fica evidente que a arte é um estímulo intrínseco no ser humano, pois desde que se sabe da existência do ser humano, sabe-se da existência de manifestações representativas do que se ocorria em forma de arte. Na Grécia antiga, por exemplo, com os avanços dados nas áreas da filosofia e religião, os decorrentes artísticos seguiam essas tradições colocadas por esse povo. Já concebiam uma estética, que era ela a simetria, a proporção e a beleza, reproduziam em esculturas, danças e música as características da mitologia grega já tinham arte concebida na arquitetura, literatura e mesmo no pensamento este que eram marcados por mitos e pela filosofia. Novos axiomas que assim como a pedra lascada, orientariam o curso de toda a humanidade. O renascimento pelo próprio nome já trás em si muitas inovações gerais, um renascer/reconhecer da arte dada através da reavaliação de seu conceito possibilitou grandes inovações e com estas grandes avanços nos processos cognitivos individuais. E dessa forma, o refinamento dado no desenvolvimento humano acontece através do processo cognitivo das influências exercidas por este desenvolvimento colocadas em material externo e através destes pode se acompanhar e analisar o curso das coisas.

O teatro também reflete em sua genealogia todo o processo do desenvolvimento humano. Ainda mais se tratando de uma forma de arte que fala através do ser humano no presente momento. O teatro e as artes cênicas em geral são necessariamente dadas no ali, no tempo e local onde se está expondo o artista da cena a vive para comunicar a mensagem que carrega o todo da obra. Cria personagens ou mesmo intensifica sua própria verdade, como é no caso da performance e assim como quem está assistindo está vivendo aquilo o ator também porém consciente de suas ações ou pelo menos do propósito delas.

“[...] ela visa desenvolver o indivíduo global: corpo, voz, intelecto, sensibilidade, reflexão sobre a dramaturgia e o papel social do teatro.”

(PAVIS, P., 2008, p.30)

E estas características da formação do ator, já muito reformuladas através do tempo carregam em sua essência a comunicação de uma mensagem no aqui e agora ou seja cognição. E dado que o processo cognitivo também acontece no *aqui e agora* o teatro se mostra um veículo pertinente para tal desenvolvimento.

Historicamente, *o teatro é tão velho quanto a humanidade*⁶⁹, é algo intrínseco ao homem, está incutido em sua forma de expressão. Tornar teatro portanto é somente um afastamento, transformar quem se expressa em um portador de mensagem e ter uma platéia que a queira ouvir.

“O xamã que é porta-voz do deus, o dançarino mascarado que afasta os demônios, o ator que traz vida à obra do poeta - todos obedecem ao mesmo comando, que é a conjuração de uma outra realidade, mais verdadeira”

(BERTHOLD, M., 2010, p.1)

Todas essas formas de expressão cênica, inclusive as religiosas, ao serem executadas estão geram um produto exossomático ou um *Material Adulto* e quem assiste tem em cima daquilo, base para desenvolver o processo cognitivo ou seja consegue ver a ação do outro um objeto com quem possa se interagir. E é esse resultado da interação que forma nações por gerações e gerações e é ele também que justifica a forma da ação da cena teatral. Como o antigo Egito e suas manifestações artísticas sobre a morte nos cultos aos mortos, nas procissões, danças e música dedicados aos finados, ou o *taziyé* das civilizações islâmicas, o teatro de sombras turco e árabe que tem seu herói viajante *Karagöz* que demonstrava *retórica rápida e engenhosa, trocadilhos ásperos e jogos de palavras rústicos*⁷⁰, a mediação cênica entre homem e o metafísico proposto no teatro de sombras da Indonésia, *wayang purwa*. Os cinco mil anos datados de teatro chinês além do poético e complexo teatro japonês com suas máscaras, bonecos⁷¹ o teatro grego, em forma de culto aos deuses, todo o conceito por trás das tragédias, comédias, tragicomédias, o primeiro ator, Téspis e a máquina solucionadora de

⁶⁹(BERTHOLD, M., 2010, p.1)

⁷⁰(BERTHOLD, M., 2010, p.26)

⁷¹ “O teatro japonês pode ser descrito como uma celebração solene, estritamente formalizada, de emoções e sentimentos, indo da invocação pantomímica dos poderes da natureza às mais sutis diferenciações da forma dramática aristocrática. Sua mola propulsora está no poder sugestivo do movimento, do gesto e da palavra formada.”

(BERTHOLD, M., 2010, p.75)

conflitos *Deus Ex Machina*, os autos religiosos da idade média, as tragédias e comédias humanistas, o teatro Elisabetano da renascença, o teatro jesuíta e a *commedia dell'arte* do período barroco, o teatro burguês, o naturalismo do século XIX, o simbolismo no teatro, o teatro político, teatro épico de Bertolt Brecht, musicais da Broadway, teatro contemporâneo atual, entre todas as outras formas possíveis de teatro não citadas e não arquivadas historicamente. Todas essas possibilidades cênicas ocorreram concomitantes com as mudanças que ocorriam em todos os níveis da humanidade, desde as sociais, de costume, de pensamento, até as mais metafísicas como o politeísmo ou monoteísmo.

Uma reação metafísica ocasionada pelo teatro, é a *catarse*⁷²

“Essa purgação, que foi assimilada à identificação e ao prazer estético, está ligada ao trabalho do imaginário e à produção da ilusão cênica.”

(PAVIS, P., 2008, p.40)

Esta reação dada na ilusão está diretamente relacionada com a interação do sujeito com o objeto. É como se houvesse um ponto de fusão entre o que o objeto propõe e o sujeito sente como se houvesse um encontro de algo já desenvolvido naquele sistema epistemológico com uma informação nova dada pelo *Material Adulto*.

A estabilidade do contato também não é intrínseca a ele, ela pode se dar de qualquer forma, tanto para o sujeito, quanto para o objeto. Esse fator é o que torna possível as variantes da recepção das informações, dando individualidade plena a cada sujeito que recebe do mesmo objeto e vice versa.⁷³

⁷² Catarse - substantivo feminino (1938)1 na religião, medicina e filosofia da Antiguidade grega, libertação, expulsão ou purgação daquilo que é estranho à essência ou à natureza de um ser e que, por esta razão, o corrompe 1.1 rel no orfismo e no pitagorismo, período de purificação por que a alma desencarnada deve passar até que, apagadas as marcas dos crimes cometidos em sua última existência material, possa ter acesso a uma realidade superior ou reencarnar em um novo corpo 1.2 rel conjunto de cerimônias de purificação a que eram submetidos os candidatos à iniciação religiosa, esp. nos mistérios de Elêusis 1.3 fil no platonismo, libertação da alma em relação ao corpo por meio da renúncia aos prazeres, desejos e paixões, iniciada ainda em vida mas só completada com a morte 1.4 estét no aristotelismo, descarga de desordens emocionais ou afetos desmedidos a partir da experiência estética oferecida pelo teatro, música e poesia 1.4.1 p.ext. estét theat purificação do espírito do espectador através da purgação de suas paixões, esp. dos sentimentos de terror ou de piedade vivenciados na contemplação do espetáculo trágico → p.opos. a distanciamento 2 med evacuação dos intestinos 3 psic operação de trazer à consciência estados afetivos e lembranças recalçadas no inconsciente, liberando o paciente de sintomas e neuroses associadas a este bloqueio 4 psic liberação de emoções ou tensões reprimidas, comparável a uma ab-reação 5 psic efeito liberador produzido pela encenação de certas ações esp. as que fazem apelo ao medo e à raiva, utilizado pelas terapias que se baseiam no método catártico ETIM gr. kátharsis, eōs 'purificação, purgação; mênstruo; alívio da alma pela satisfação de uma necessidade moral'; na acp. de REL 'id.'; ver catar- (HOUAISS, A., 2001, p.651)

⁷³ p.39 capítulo *Desenvolvimento da Idéia*.

Então, nesse encontro acontece um êxtase da platéia mas sobretudo no indivíduo, uma vibração compartilhada de algo que a personagem está vivendo. Como um gol nos últimos momentos da partida de futebol onde todos os torcedores presentes comemoram com quase um susto de felicidade. Ou como diz Aristóteles⁷⁴, quando é empregada música no teatro e essa direciona as emoções. Neste caso fica bem visível o poder do *Material Adulto*, dado que um material sonoro consegue direcionar o sentimento de uma platéia para um estado extremo de compartilhamento do sentimento da cena. Mas a catarse também se aplica como o ainda Aristóteles diz na *Poética*, sobre a ela ser umas das finalidades da tragédia que;

“[...] provocando piedade e temor, opera a purgação adequada a tais emoções”
(ARISTÓTELES in PAVIS, P., 2008, p.40)

E essa purgação colocada por Aristoteles é quem constitui exatamente o estado catártico de fundição da compreensão do sentimento pelo espectador.

“[...] prazer que a pessoa colhe em suas próprias emoções ante o espetáculo das do outro, e o prazer dela sentir uma parte de seu antigo ego recalcado que assume o aspecto tranquilizante do ego do outro.”
(PAVIS, P., 2008, p.40)

É o estado de viver a pele do outro somente por observar e comparar. A forma com que essa vivência é dada que se faz uma grande possibilitadora de conexões internas e mais que isso de iluminação do inconsciente, dado que este age sobre nós de uma forma que não reconhecemos e uma vez que se reconhece no outro e partilha daquela emoção dando a oportunidade de se conscientizar de que algo dentro de si partilha daquele mesmo sentimento.

“E como poderá ver claramente, quem não se vê a si mesmo, nem às obscuridades que inconscientemente impregnam todas as suas ações?”
(JUNG, C. G., 1995, p.88, parágrafo 140)

A catarse, a partir da fala de Jung se relaciona com um lapso de clareza interna, um espaço dentro da obscuridade interna que se ilumina e vem a tona em forma de sentimento.

⁷⁴ (PAVIS, P., 2008, p.40, definição de catarse)

Essa clareza momentânea é muito importante, pois clareando algum aspecto escuro de si o reflexo no externo também se dá mais claro portanto as novas informações que vem através do *Material Adulto* chegam mais claras. É como uma indução por axioma ao se perceber com clareza algum axioma que o forma, considerando sem julgamento aspectos positivos e negativos se forma uma base clara e sólida para que as informações que chegam do externo possam ser relacionadas entre si com mais clareza e assim servir como esclarecimento de mais campos que estejam obscuros.

“*Catarse* = purificação”
(JUNG, C. G., 1988, p.56, parágrafo 134)

Na intimidade individual do espectador é onde ocorre a confissão para si mesmo ocasionada pelo estado da *catarse*. O sentimento derivado desse estado é de tamanha potência genuína que faz ocorrer um estado de confissão, o espectador para consigo mesmo, no seu íntimo, mesmo que inconscientemente declara algo a si esclarecendo algum campo obscuro, se libertando *dos afetos contidos* através da *constatação dos fatos pelo coração*⁷⁵. E essas confissões tem uma natureza de agregar ao processo de consciência do espectador.

“[...] a *catarse* não se destina a eliminar as paixões do espectador, mas a transformá-las em virtudes e em participação emocional no patético e no sublime.”
(PAVIS, P., 2008, p.40)

Visto que a *catarse* é utilizada no processo de recuperação de neuroses usada pelo psicoterapia é uma processo de tamanho poder transformador e dado que o ponto inicial é a relação entre sujeito e objeto é o ápice que ocorre quando há uma espécie de fusão de sentimentos e num primeiro momento no processo cognitivo, o objeto e sujeito se confundem, não se sabendo quem é o que, o processo catártico é uma reprodução deste momento onde todo um desenvolvimento em cima desse pequeno estalo de confusão de personalidades virá a ocorrer. Portanto as experiências cênicas que proporcionam a *catarse*, tem em sua natureza um poder transformador. Mas isso também é uma característica que não pode ser preconcebida, pois como a *catarse* ocorre a partir de um reconhecimento e cada indivíduo tem suas peculiaridades dentro do processo epistemológico, o que funciona catarticamente para um

⁷⁵ (JUNG, C. G., 1988, p.57, parágrafo 134)

pode não fazer sentido nenhum para outro. Mas quando o sentimento se dá em cima de um axioma e este é de largo alcance, possibilita que várias pessoas tenham essa sensação.

“A conscientização (distância) não se sucede à emoção (identificação), uma vez que o *compreendido* está em relação dialética com o *experimentado*. Há menos passagem de uma atitude (reflexiva) a uma outra (existencial), do que oscilações entre uma e outra, por vezes tão próximas que quase se pode falar de dois processos simultâneos, cuja a própria unidade é catártica”
(PAVIS, P., 2008, p.41)

É no viver da experiência que se dá plenamente a variação do desenvolvimento cognitivo consciente (pensando sobre o que se está vivendo e relacionando com outros pontos, estando pleno no aqui e agora) e do inconsciente (enquanto experiência sensorial e de relações cognitivas inconscientes). E é nessa experiência que se vive também a catarse. Portanto a todo o momento pleno de consciência.

Retomando a posição ocupada pelo *Material Adulto* no ciclo proposto, este que possui grande responsabilidade pelo fato de influenciar fazer a sua natureza. O agente receptor ou sujeito da ação, como tem em si o estado de infância explicado anteriormente, necessariamente recebe aquela informação como um novo elemento em seu processo cognitivo. Mesmo com a impressão de já saber sobre aquilo, o novo se faz presente impreterivelmente.

“O grupo de deslocamentos é um exemplo de construção de uma estrutura devida simultaneamente à coordenação progressiva das ações do sujeito e à informação fornecida pela experiência física, que constitui um instrumento fundamental para a organização do mundo externo.”
(CELLERIER, G., LANGER, J. in CARMICHAEL, L., 1975, p.74)

Num primeiro momento não há possibilidade de deslocamento de informação ela passa por um processo de primeiro contato de introdução naquele sistema rompendo o estado da infância e iniciando o crescimento de uma raiz naquele assunto. Porém uma vez em que já se saiu desta infância a informação começa a se deslocar e conectar com outros assuntos que habitam aquela inteligência. Então se inicia o refinamento daquela informação e conforme este é dado mais vezes mais sabedoria e maturidade o sujeito tem naquilo, portanto mais objetividade.

O que antes era inteiramente novo e desconhecido, começa a tomar uma forma reconhecível e os meios que se deram para chegar até esse novo se tornam meras repetições.⁷⁶

É necessária a interação entre o sujeito e o objeto diversas vezes para que esse fato se desenvolva. E mesmo repetidas interações garantem que este objeto ainda assim seja dado como novo e esta nova informação se conecta internamente com tudo o que já se tem vinculado àquela raiz. E dada a necessidade da interação entre sujeito e objeto e essa existe através da ação do sujeito e a ação do objeto é coordenada pelas informações adquiridas pelo mesmo, toda a informação coletada interfere no geral da expressão da ação mesmo tendo momentos onde algumas sobressaem as outras, como no caso da ira ou da gargalhada. O teatro tem em sua natureza este ponto o fato de ele ser dado sempre no aqui e agora mas as interações mesmo que aparentemente repetidas também são dadas no também nesse tempo e local. Assistir uma peça de teatro novamente é uma repetição de movimento mas também uma possibilidade de mudança dado que uma das ações fundamentais do teatro é o improvisado e este pode sempre mudar o percurso da história surpreendendo o espectador que já a viu com uma novidade⁷⁷.

No ciclo esse processo de absorção de informação organização interna e referência dela na ação acontece na interação entre o *Material Adulto* e ao estado de infância. Esse momento é crucial para definir o caráter do sujeito. É através dessa assimilação que irão se formando os tipos de atitude de quem atua numa infinita adaptação ao novo partindo dos pontos já firmados no indivíduo. Esses pontos firmados axiomas ou como colocado nessa pesquisa, tradições pelo conceito de Agamben, tem infinitas formas e detalhes ao mesmo tempo que alguns parecem ser comuns ao meio e aos seres. Como por exemplo a alimentação, ela é em si um grande axioma, uma tradição desenvolvida e aperfeiçoada desde os primórdios da existência dos homens. Os tipos de alimentos, a forma de preparo as escolhas e até mesmo as consequências de certas ingestões formam essa base na qual toda humanidade pisa mais do que isso, os diferentes povos com suas diferentes tradições já assimilaram esse grande axioma em meio a suas verdades. O teatro também é uma tradição que busca manter em si as tradições comportamentais dadas em um produto exossomático *sobre* as reações exossomáticas do homem em seus inúmeros níveis de concepção.

⁷⁶ p.15 capítulo *Desenvolvimento da Idéia*.

⁷⁷ p. 23 *Desenvolvimento da Idéia*, “Dessa forma, quando o novo [...] entre o sujeito e objeto.”

Ele coloca a tradição como uma tentativa de preservação de uma ou mais memórias através de um meio externo de algum ou alguns processos desenvolvidos pelo sujeito ou por um coletivo de sujeitos visando um axioma comum. ⁷⁸

Hoje muitos axiomas que fundamentam toda a humanidade, esta que passa por um processo de comunhão cultural através da globalização, são passados por meio de comunicação de rápido acesso, como a televisão e internet. Como há um imediatismo em comunicar, dado que é completamente cabível conversar com alguém do outro lado do mundo ao vivo e a cores, a rapidez com que as informações são passadas não permite muitos processos de deslocamento e assimilação com outros campos. As informações acabam sendo mais soltas e ao receber o que lhe é comunicado o sujeito absorve dessa maneira e isso reflete em suas ações naturalmente. Portanto o que este sujeito exossomatiza é baseado nessa base de areia. Este mesmo processo ocorre na arte, é muito fácil perceber quando uma obra artística tem fundamentos sólidos para quem a criou e quando é algo que não tem muitos argumentos para se embasar. Essa questão não é de forma alguma relacionada com o improvisado ou com a obra espontânea ela se relaciona com o conteúdo incutido no sujeito criador pois se esse tem em si conhecimento firme e sólido não importa a forma que se dê seu produto exossomático pois mesmo sem perceber, este terá a base que tem o seu criador. No teatro isso reflete na cena quando os criadores dela em todos os parâmetros, ator, iluminador, diretor, cenógrafo, etc... estão de alguma forma conscientes que eles próprios servem de base para o que está sendo criado, quando o espectador assistir a cena, essa consciência chegará a ele dado que ela se reflete na ação do criador ao promover seu *Material Adulto* e é este que o espectador acessará.

5.2. INFÂNCIA NO CICLO;

“Do mesmo modo o inconsciente humano contém todas as formas de vida e de funções herdadas da linguagem ancestral, de modo que em cada criança preexiste uma disposição psíquica funcional adequada, anterior à consciência.”

(JUNG, C. G., 2000, p.293, parágrafo 673)

⁷⁸ p.21 capítulo *Desenvolvimento da Idéia*.

Sendo o primeiro contato, ocorre uma ruptura do não-saber, este que se faz disponível em todos nós como cita Jung acima, quando há o segundo ou mais contatos há também um preenchimento das lacunas que ficaram sobre aquele assunto em acessos anteriores mas em ambas as situações acontece um processo de conhecimento algo que passa no não-saber para o saber e cada vez saber mais. Esse é basicamente o processo que se dá da infância para o período adulto na formação da inteligência.

Esse primeiro contato essencial para o desenvolvimento do processo, tão essencial que sem ele não há possibilidade do processo acontecer consiste em si.

“Mesmo no seio da vida consciente do adulto esta função instintiva inconsciente faz sentir constantemente sua presença e sua atividade: nelas se acham pré-formadas todas as funções da psique consciente.”

(JUNG, C. G., 2000, p.293, parágrafo 673)

A partir do não-saber rompido as pré-formações das funções da psique são internamente dadas ao se relacionar com o material interiorizado pelo cérebro.

Mas esse contato ao se dar se revela pouco a pouco no maior número de acessos aquilo. É natural que surjam dúvidas e curiosidades sobre os assuntos ao longo do processo interno de assimilação. A possibilidade que torna possível esse material ser revelado a cada acesso com mais ou menos intensidade é a consciência de quem o passa. Quanto mais consciente dos axiomas que lhe foram apresentados for o agente criador mais clara e maior a possibilidade de compreensão terá a resposta dada pelo sujeito. Essa consciência de axiomas não é necessariamente o rebuscamento de aprendizado mas mesmo que o indivíduo tenha em si axiomas pouco desenvolvidos, se este tem a consciência desse estado o material que por ele for elaborado terá um base sólida para ser criado.

No caso da ação inconsciente ou um pouco consciente o agente criador ao não se deparar consigo mesmo reconhecendo sua área, terá elaborado um *Material Adulto* solto não no sentido livre da palavra mas no de que nada pode ser construído em cima daquilo. Esse tipo de produto exossomático tende a gerar mais dúvidas em quem o acessa pelo fato daquilo não estar claro nem mesmo para o criador dado que o produto exossomático é um espelho do criador. E no caso de dúvidas geradas, quando o sujeito volta a este objeto com o intuito de sanar questionamentos, encontra um não-saber em si, em outras palavras, não encontra repostas para seus questionamentos pelo fato da clareza sobre aquele ponto não estar nem no objeto nem em quem o criou. E é dessa forma que o sujeito inicia a projeção de uma sombra

sobre aquele assunto um não conhecimento somado a uma dúvida que por não ter encontrado resposta onde colheu a informação, aceita qualquer proposta pela mente, *historinhas* de passatempo do intelecto que tentam cobrir essa lacuna aberta pela curiosidade mal resolvida.

“Até há pouco tempo o empirismo psicológico costumava explicar o ‘inconsciente’ - o próprio termo indica - como a mera ausência de consciência, do mesmo modo que a sombra é a ausência de luz.”

(JUNG, C. G., 1995, p.89, parágrafo 141)

“[...] a observação rigorosa os processos inconscientes mostrou que o inconsciente possui uma certa autonomia criadora”

(Ibidem, p.89, parágrafo 141)

O sujeito pode buscar outras fontes de acesso para sanar essa questão, podendo vir a encontrar inclusive pisos sólidos para assim compreender melhor o assunto e nos próximos acessos a este tema sanar outras dúvidas, reflexo da interligação de idéias. Mas mesmo para que essa ação ocorra, há de haver um axioma que assim defina esse tipo de ação para o sujeito e se esse sujeito tem de uma forma geral suas bases orientadas em axiomas inconscientes a própria possibilidade de sanar questões através da busca e interação com outras fontes se inviabiliza.

Com a tradição da humanidade ou o axioma do momento ser o novo e este estar sempre a frente, a certeza de que o que é bom é o que ainda não foi dado, de que o bom mora no futuro, reflete consideravelmente nos axiomas que se formam para que o conhecimento sobre áreas sejam repassados. Com o dinamismo da internet por exemplo qualquer um com um mínimo de conhecimento virtual pode iniciar um *site* e ali colocar todas as suas verdades, mesmo que estas se embasem numa grande ilusão momentânea que aquele sujeito está vivendo e mesmo que este venha a se esclarecer num futuro próximo essa informação veiculada pode ser acessada por milhares de pessoas e servir de base para desenvolvimentos e elaboração de outros produtos exossomáticos.

Junto com a idéia da nova felicidade meio ao julgamento de que tudo o que veio antes era submissão, dessa forma se iniciou a idéia que o novo é bom e o velho é ruim. Idéia atrelada a nossa natureza até hoje. A tradição teve que ser reinventada no século XVIII e isso não foi uma tarefa árdua dado que idéias novas são geradas o tempo todo na distração natural do homem. E foi

em cima dessa possibilidade de novas idéias que a nova tradição se fundamentou e o novo virou sinônimo de felicidade.⁷⁹

No teatro esse estado é constante. Tanto para quem faz a peça, salvo o dramaturgo em algumas ocasiões, quanto para quem participa como espectador. Tudo é executado no presente momento. O ator atua no presente como quem vive a experiência o diretor observa o que organizou na cena que acontece no presente momento, o sonoplasta introduz a música no devido momento, etc. Por mais que hajam ensaios e anos após anos de apresentações do mesmo espetáculo, impreterivelmente cada apresentação será singular e refletirá o estado em que quem participa (individualmente e no coletivo) dela se encontra. É o próprio material exossomático da infância. Isso faz a individualidade de cada exibição. Cada cena, fala, ação da personagem, por mais que seja dita mil vezes ao longo de todas as apresentações, terá mil verdades transmitidas, pois o ator, como qualquer ser humano passa pelo processo cognitivo, está em constante mudança, recebe informações fora do contexto da peça que relaciona inconscientemente ou conscientemente ao conteúdo do diálogo que tem passa pelo processo durante a cena também ali várias mudanças são ocorridas já que este está vivendo um outro sujeito (personagem) interagindo com um objeto, então se formam dois pontos de vista, duas cargas a serem acrescentadas, a do sujeito personagem e todo o material interno que ele carrega este estipulado pelo criador dele, no caso o ator, e todo o material do próprio ator. Como se dentro do veiculador da mensagem estivesse contigo seu próprio criador que continua vivo em sua individualidade, mas agora em uma falsa auto-análise. É essa veracidade do momento que possibilita a catarse, explicada anteriormente. Portanto o desenvolvimento cognitivo dado na cena pelo ator é muito extenso e abrange diversos pontos de vista de uma só vez. É um veículo que usa integralmente do estado de infância e recebe da mesma forma toda a carga para romper através do processo cognitivo, sem fundamento fixo, vivendo a cada vez uma nova infância,

Esse enraizamento não anula esse estado de ser, esta essência do não-saber, esta base propulsora que desconhece.⁸⁰

⁷⁹ p.31 capítulo *Material Adulto*.

⁸⁰ p.3 capítulo *Sobre a Infância*.

mas com a única diferença de ter uma idéia da forma que ela será dada mesmo assumindo a possibilidade de mudanças proporcionadas pelo acaso. Por isso quando o ator está consciente do que se passa com ele e ao mesmo tempo o que se passa com a personagem e está consciente do *si*, o espectador verá na ação o estado consciente, uma plenitude no aqui e agora da cena onde toda a atenção da mensagem que está sendo passada se faz presente e quem a passa sabe dentro de si o que ocorre consigo e no meio. Dessa forma a mensagem chega mais clara e genuinamente ao espectador. Este que também vive a infância naquela mensagem e passa por um processo do desenvolvimento cognitivo na cena,

“Durante os primeiros meses⁸¹ de sua existência não há objetos permanentes, mas somente quadros perceptivos que aparecem, desaparecem e, às vezes reaparecem”
(CELLERIER, G., LANGER, J. *in* CARMICHAEL, L., 1975, p.74)

dado que como o teatro é uma axioma feito no aqui e agora e que o sujeito observador da cena está numa completa infância sobre aquilo, as informações se dão com totalmente novas e quase (pelos axiomas físicos como, por exemplo, gravidade) totalmente possíveis como um bebê que descobre o mundo.

[...] mesmo que ocorra o desenvolvimento de idéias no processo de desenvolvimento da inteligência, nós seres humanos, até o fim dessa vida carregaremos uma infância intrínseca a cada ação e reação, a cada novo conceito e aprendizado e a cada momento vivido no aqui e no agora.⁸²

A reflexão do espectador, quando inconsciente, ocorre livre e continuamente relacionando pontos internos com a mensagem proposta na cena. Isso carrega em si um grande poder, já que consegue comunicar diretamente no cérebro inibindo em partes a ação do julgar e pensar sobre (em partes por dois fatores; pois ainda há a julgamento e pensamento sobre a ação do momento ou sobre a situação externa a apresentação e pelo próprio processo cognitivo fazer essa função de coordenar em cima das funções desenvolvidas pelo sujeito aquelas novas informações). Portanto se a forma que a mensagem da cena estiver sendo passada for vaga e mau fundamentada é esse tipo de mensagem que chegará até o inconsciente do espectador. E não significa que ela tenha de ser necessariamente explicativa,

⁸¹ Considerando que nesta pesquisa o conceito desenvolvido de infância é comparada com o primeiro processo cognitivo de formação dado nos primeiros contatos do sujeito com o mundo ainda criança.

⁸² p.6 *Sobre a Infância*.

mas só pelo fato dela proporcionar um impulso que leve o espectador a buscar mais sobre aquele assunto ou mesmo que o retenha a atenção já mostra uma consciência dentro de sua forma. Há também a possibilidade do espectador carregar em si axiomas que tenham em sua natureza o esclarecimento das coisas, a conscientização. Neste caso o desenvolver da consciência se torna possível em quase todos os tipos de assuntos apresentados ao sujeito.

Durante essas ações, o conhecimento vai sendo fundamentado e no próximo momento, já haverá algo dele naquele sujeito, de uma forma única e específica, de um ponto de vista singular sobre aquilo dentro de todos os outros pontos de vista.⁸³

Para que esse ponto de vista único e singular tenha um embasamento justo e amplo, possibilitando vislumbrar as várias possíveis realidades dentro daquilo gradualmente e podendo desenvolver um interesse genuíno ou simplesmente facilitando a captação do que se fala sobre, para que se acrescente no conhecimento, é muito importante que o *Material Adulto* seja em algum nível seguramente consciente.

É a partir dessas influências externas que se formam as raízes que sustentaram um indivíduo, suas escolhas e argumentos. No ciclo é proposto que da mesma forma que essa formação é dada no primeiro desenvolvimento cognitivo do ser humano, é também dada em qualquer outro processo que se relacione com a ruptura da infância em qualquer assunto. Logo tudo que se aplica as primeiras formações do indivíduo ainda na primeira fase da forma epistemológica da criança se aplica aqui na passagem do não-saber para o saber e o desenvolvimento desse saber. Essa ruptura é em sua natureza transformadora, pois um dos pontos do desenvolvimento cognitivo é a transformação e esta relaciona todos os possíveis pontos com a nova informação que está chegando e nesse processo, mudanças nos axiomas que fundamentam o ser se tornam concebíveis podendo assim transformar características do indivíduo como seu caráter e moral. Exemplos desse estágio do processo se dão em abundância, já que tudo influencia o ser, portanto tudo pode vir a muda-lo. O terremoto ocorrido no século XVIII em Portugal⁸⁴ fez várias mudanças em todos os níveis acontecerem, como por exemplo a mudança de visão de mundo do filósofo Voltaire que passou de otimista para pessimista colocando em cheque as promessas de justiça divina⁸⁵. O acidente ocorrido no

⁸³ p.12 capítulo *Desenvolvimento da Idéia*.

⁸⁴ Vide p.30.

⁸⁵ Vide nota de rodapé 70.

dia onze de Setembro onde dois aviões colidiram com as torres gêmeas em Nova Iorque que impulsionou uma movimentação mundial em relação a segurança pública, autorização para entrar em países estrangeiros, principalmente nos Estados Unidos, possibilidade de mudança no comportamento artístico, referências a esse fato para justificar e comparar outros, etc... Da mesma forma se deu na revolução industrial, nas duas grandes guerras e na guerra fria, etc... mudança de comportamento, de idéias, de vestes, costumes, enfim novos axiomas se formaram. Outro exemplo é o Carnaval, essa tradição que trás em si uma liberação das cobranças pessoais e sociais, permitindo dias de pura festa totalmente envolvidas em formas simbólicas comuns a todos que festejam, proposições dos axiomas propostos por este *Material Adulto* que unificam o que o sistema rotineiro separa.

“É um *símbolo unificador*⁸⁶, por constituir a mais alta representação da união dos opostos. Consequentemente, devido a sua natureza paradoxal, ele só pode ser expresso através de figuras simbólicas.”

(JUNG, C. G., 1988, p. 252, parágrafo 474)

Essa experiência possibilita viver a infância conscientemente, permitindo que a força do que foi implantado no inconsciente haja sem preocupações sem julgamento, estando pleno na ação que estiver executando e apesar da indução a dualidade pelos símbolos propostos, visualizar a adualidade nisso tudo como por exemplo, uma fantasia de padre, que carrega uma cruz mas está no meio da avenida dançando e pulando atrás do trio elétrico. Também se vê esse comportamento refletido na história da arte, dado que por exemplo no renascimento, houve toda uma reformulação ideológica que possibilitou o avanço e o refinamento do pensamento e dessa forma técnicas mais avançadas surgiram em todos os âmbitos e no seu reflexo natural em forma de arte. Ou no pós-guerra através das peças num não lugar, com dramaturgia circular, onde o enfoque das personagens se dá no simples fato de estar, como mostra um dos autores mais influentes do século XX Samuel Beckett.

Dadas as interações, transformações, construções, coordenações, operações e por fim axiomatizações a partir da ação do sujeito para com o objeto, é introduzida uma idéia no sujeito, esta será base para toda a existência do sujeito; fundamentando ações e reações, não imutáveis, pois como já foi concebido nesse trabalho a mudança se faz constante no processo cognitivo. Logo pode vir a se criar a ilusão do saber, pois onde antes havia infância e

⁸⁶ Termo empregado por Jung. Referência na obra *Tipos Psicológicos*, JUNG, *Obras completas*, Vol. VI.

desconhecido, hoje tem alguma informação, mas essa não tem natureza absoluta, quem concede ilusoriamente isso a ela é o próprio sujeito.

“[...] os abismos entre os homens são transpostos por pontes fictícias feitas de opiniões, substitutos fáceis para a ponte consistente da confissão.”

(JUNG, C. G., 1988, p.57, parágrafo 135)

Dessa forma o homem cria a barreira protetora em volta de si, na tentativa de manter aquilo que já foi aderido pelo processo epistemológico ou conforme o termo de Agamben, sua tradição.

“[...] esta atordoante paragem no ser, não é um evento que de algum modo, lhe diga respeito, nem sequer é mesmo um evento, qualquer coisa susceptível a ser registrada endossomaticamente [...] mas antes qualquer coisa que terá de permanecer absolutamente no exterior, que não lhe diz respeito e que, como tal, só pode ser confiada ao esquecimento, isto é a uma memória exossomática e a uma tradição.”

(AGAMBEN, G., 1999, p.92/93)

Essa proteção inconsciente é dada de diversas maneiras, pelas tradições da negação, do julgamento, aversão, preconceito, etc... Mas o novo se faz obrigatório na vida do indivíduo e lidar com ele, a meu ver, pode ser dado de duas maneiras, uma pelo processo de conscientização do novo, aceitando-o e a outra é quando ele se faz necessário para alguma outra ação requerida pela vida então esse medo da aceitação do novo é posto pressionado até que assume o novo por alguma necessidade da vida⁸⁷.

“[...] onde quer que o inconsciente domine, aí se encontra também a não-liberdade, e até mesmo a obsessão”

(JUNG, C. G., 1995, p.89, parágrafo 141)

“Não-liberdade e possessão são sinônimos”

(Ibidem, p.91, parágrafo 142)

A tentativa do controle da vida é desgaste energético posto em vão, pois o novo obrigatoriamente se dá e sempre existirá algum desconhecido que nós precisamos enfrentar. E

⁸⁷ Vide p.17 capítulo *Desenvolvimento da Idéia* “O exercício voluntário, se dá no nível onde há espontaneidade de busca ou seja, quando a ação não é necessariamente induzida ou sua necessidade de execução se torna latente ao ponto de ser obedecida.”

a tentativa de negar é uma medida aprisionadora, dado que libertação consiste em viver livremente e uma vez que se estabelece para um indivíduo que ali ele não pisa, ele está podando sua própria liberdade.

“[...] o inconsciente cria a idéia de um homem deificado ou divino, encarcerado, escondido, protegido, quase sempre privado de sua personalidade e representado por um símbolo abstrato.”
(JUNG, C. G., 1995, p.101, parágrafo 158)

Tradições, por serem compilações de idéias baseadas em axiomas que se comunicam, podem vir a serem privadoras. Além do fato de conterem em seus usos e costumes materiais exossomáticos e esses terem em sua natureza o poder de influenciar portanto em uma tradição degradada⁸⁸ se costuma exercer esse papel de proteção metafísica para o encontro com o desconhecido. Isso só se dá pela ilusão do então adulto⁸⁹ afirmar um conhecimento e se esquecer que nele habita um algo que nada sabe e que até o fim da vida, nada saberá, a infância. Na tradição proposta pelo teatro, o encontro com o desconhecido é o que impulsiona essa forma exossomática do homem na sua essência, dado que a improvisação é um argumento básico se tratando de teatro, a mudança em cima da hora pelo motivo que seja, não é barreira para a não execução do teatro, este que lida tão bem com o novo.

Pode-se dividir os adultos de duas formas; os que tem consciência do seu estado de não-saber, portanto de infância, e nesses o encontro com o desconhecido se dá com naturalidade ou melhor, como diz Agamben, na *imaturidade e ignorância* considerando os melhores significados dessas palavras. E os adultos que de alguma forma negam esse estado afirmando que sabem alguma coisa e que isso os tira do estado de infância, esses, por estarem iludidos no conhecimento, ao se depararem com o novo terão de se sacrificar para aceitar esse desconhecido, tornando essa ação do descobrimento algo pesado e avassalador.⁹⁰ Dentro das limitações de se dizer sabido de algo estão os axiomas do medo, estes que assim como as tradições degradadas⁹¹ tem em sua essência a prisão do indivíduo, impossibilitando-o de se

⁸⁸ Vide p.22 capítulo *Desenvolvimento da Idéia*, “As tradições, por sua vez, [...] consciência do estado de natural de “não-saber”.”

⁸⁹ Vide p.24 capítulo *Material Adulto* “E adulto, primeiramente se relacionando com o termo infância por várias [...] é o que já foi consumido, a infância queimada, o conhecimento em forma de matéria, de cinzas.”

⁹⁰ Considerando também que nada é absoluto e que ambos estados se misturam nas nuances que formam o indivíduo.

⁹¹ Estas que por muito usam do medo para criar sua redoma fechada e prender quem se afilia a ela.

encontrar com o novo ou pelo menos de uma forma amistosa. Voltando ao ciclo proposto nessa pesquisa esses dois tipos de adultos formados agora tem em si axiomas para exprimir um *Material Adulto* de seu conteúdo de conhecimento e a forma que ele lida com o novo e com a infância, é crucial para o resultado de seu produto exossomático. Nas artes, é nesse momento em que se forma o artista.

Considerando que o indivíduo é formado pelo consciente, local onde moram as informações de acesso intencional do ser, guardando o que se sabe de si e o que se pode usar na construção do presente sabidamente,

“[...]a consciência, apesar de sua intensidade e de sua concentração, é puramente efêmera e orientada para o presente imediato e seu próprio ambiente.”

(JUNG, C. G., 2000, p.293, parágrafo 673)

e inconsciente, local de informações que atuam sobre o ser, mas que este não tem domínio,

“Quão diferente é o inconsciente! Não é concentrado nem intensivo, mas crepuscular até a obscuridade. É extremamente extensivo e pode justapor paradoxalmente os elementos mais heterogêneos possíveis, e encerra, além de uma quantidade incalculável de percepções subliminares, o tesouro imenso das estratificações depositadas no curso das vidas dos ancestrais que, apenas com sua existência, contribuíram para a diferenciação da espécie.”

(JUNG, C. G., 2000, p.293/294, parágrafo 673)

chegamos num ponto de ponderação das informações, já que esses dois estados influem no ser e em seu comportamento definindo a forma de ação, de pensamento e de todas as nuances que compõe a existência de um ser humano.

Dentre as informações coletadas pelo sujeito nos objetos propostos pelo meio externo há uma parcela que é captada pelo consciente. Quanto mais rebuscado for o trabalho do sujeito para com seu consciente mais informações ele captará uma parte que é projetada no inconsciente e nele também se liga com todo o material disponível no inconsciente como os símbolos e axiomas intrínsecos ao comportamento humano e todas as possibilidades já desenvolvida por este;

“Se o inconsciente pudesse personificado, assumiria os traços de um ser humano coletivo, à margem das características de sexo, à margem da juventude e da velhice, da nascimento e da morte, e disporia da experiência humana quase imortal de uma dois milhões de anos. O presente

não teria para ele nem maior nem menor significação do que um ano qualquer do centésimo século antes de Cristo; seria um sonhador de sonhos seculares e, graças à sua prodigiosa experiência, seria um oráculo incomparável de prognósticos. Ele teria vivido, com efeito, um número incalculável de vezes, a vida do indivíduo, da família, das tribos, e dos povos e possuiria o mais vivo e mais profundo sentimento do ritmo do devir, da plenitude e do declínio das coisas.” (JUNG, C. G., 2000, p.294, parágrafo 673)

Porém o fato do indivíduo ter uma parte em si que não se faz perceber pode ocasionar diversos pontos que afetam a vida dele. Considerando que estar consciente é também saber da existência dessa parte desconhecida em si e buscar a consciência é a tentativa de trazer informações que estão ali para o lado consciente de si.

No momento de criar um *Material Adulto* aquele ponto específico que será abordado carrega em si partes conscientes e inconscientes que habitam no criador e essas refletiram no resultado daquela criação. Se o criador busca a consciência naquele assunto e isso ficará visível na obra final, assim como a parte inconsciente que habita o criador. A busca da consciência é um termo muito abrangente dado que toda a idéia trás em si essa possibilidade e toda a idéia significa tudo que existe e pode existir que permeia o humano, seu intelecto, sua natureza e seu espírito. Essa indução do que buscar é algo elaborado no homem durante toda sua vida, e que neste trabalho é explicado na forma do processo cognitivo⁹². Mas a origem estável de onde toda a busca sai, é aqui colocado como infância⁹³. E não assumir este estado, estando imerso na ilusão do conhecimento pleno é negar o estado inicial portanto negar o inconsciente dado que este constitui o estado inicial enquanto o consciente se desenvolve ao longo da vida, é negar uma parte viva e atuante em nós. Jung cita;

“Seria simplesmente grotesco pretender classificar de ilusório este sistema imenso de experiências da psique inconsciente, porquanto nosso corpo visível e tangível é, também ele, um sistema de experiências dessa natureza, que ainda contém os traços de evoluções que remontam às primeiras idades e formam incontestavelmente um conjunto que funciona em vista de um determinado fim que é a vida, pois, do contrário, não poderíamos viver. A ninguém ocorreria a idéia de considerar a anatomia comparativa ou a fisiologia como um absurdo, é, por isto, não podemos dizer que a pesquisa do inconsciente coletivo ou sua utilização como fonte de conhecimento seja uma ilusão.” (JUNG, C. G., 2000, p.294, parágrafo 675)

⁹² Vide capítulo *Desenvolvimento da idéia*.

⁹³ Vide capítulo *Sobre a Infância*.

É no inconsciente que habita toda a manifestação que diz respeito a auto-negação⁹⁴. A sombra da personalidade formada pelo lado negativo, a soma das qualidades desagradáveis que o indivíduo quer esconder, o lado inferior, sem valor e primitivo da natureza do homem, a “outra pessoa” em um indivíduo, seu próprio lado obscuro. Essa sombra projetada no inconsciente age sobre o sujeito da mesma forma que a consciência, influenciando e justificando suas ações comportamentais.

“[...] os homens não percebem a perigosa autonomia do inconsciente, tomando-a apenas negativamente como ausência de consciência.”

(JUNG, C. G., 1995, p.90, parágrafo 141)

Se tratando de adulto com o ação inconsciente pelo modo em que lhe foram introduzidas informações que desenvolveram seu processo cognitivo, portanto o formaram, dois fatores são relacionáveis. Tanto para a própria continuidade do desenvolvimento quanto para qualquer material que esse sujeito crie. Esses fatores tratam da abrangência da consciência e inconsciência no indivíduo.

Um exemplo de algo que vive no inconsciente e afeta diretamente o sujeito, é o medo. Este que nasce quando uma informação que existia somente no inconsciente, vem para o consciente propondo algo novo e desconhecido. No exemplo acima sobre a autonegação, o medo entraria no ponto onde não há controle sobre o que não se quer ser e que essa característica atua no indivíduo em forma de desconhecido já que vive no inconsciente. O medo neste caso, aparece na sensação que permeia essa ação que não se quer ter. Mas o campo onde se visualiza o medo é muito amplo, vai além do imaginável pois habita o inconsciente.

Essa sensação que domina os sentidos e as ações acontece quando o sujeito se depara com o desconhecido portanto no primeiro contato, quando existe uma infância perante aquilo. E considerando que tudo o que nos foi, é e será apresentado em algum momento é novo a possibilidade de existência do medo é concebível em todos os fatores da vida. Cabe ao nosso discernimento de consciência o tornar medo ou a formação de uma nova relação, somos nós quem direcionamos esse renascimento.

⁹⁴ Vide p.8 capítulo *Sobre a Infância* “aquilo que ele não queria ser (a sombra)’[...]como por exemplo a aceitação da infância enquanto estado pleno de ser.”

“[...] o que sugere que esta morte é um estado intermediário, ao qual se seguirá uma nova vida.”
(JUNG, C. G., 1988, p.245, parágrafo 467)

“Não há vida nova que possa surgir, diziam os alquimistas, sem que antes morra a velha.”
(JUNG, C. G., 1988, p.245, parágrafo 467)

Uma leitura imagética do medo e da morte dele, é, o momento em que está em perante uma passagem que leva a um espaço cuja porta está aberta mas o local para qual esta leva está completamente escuro impossibilitando o sujeito de ver qualquer coisa daquele espaço. A única forma de ver é o iluminando, mas a luz, está dentro do sujeito. Dessa forma a única maneira de iluminar aquele salão desconhecido é estar adentrar nele. É nesse momento de espera em que o medo surge, quando se está defronte ao desconhecido prestes a entrar nele consequentemente o iluminar, mas sem saber o que lhe espera. Mas quando este passo para dentro for dado o espaço não será mais desconhecido, ele já estará iluminado e o sujeito estará apto a perceber tudo o que tem naquele espaço se relacionando o mesmo iniciando assim o processo cognitivo de apropriação daquilo para o processo de inteligência do sujeito. Outra possibilidade de exemplo é em relação ao pulo da cachoeira o indivíduo está lá, no ponto exato de onde se pode pular e nesse momento, ao observar a situação ele sente o medo, pode relacionar aquele momento com todo o histórico de medo e trauma que a vida lhe apresentou até então e qualquer um desses argumentos, se tomados como realidade e isso de alguma forma o afligir, pode ser satisfatório para conceber uma desistência, esse seria o medo nessa imagem. Mas no momento em que o indivíduo se lança no ar, no exato momento em que seus pés desencostam da pedra que o segurava, o indivíduo está vivendo o novo, está dentro do desconhecido, está de fato executando a ação que sua inteligência mostrava ter algum perigo, está no ar rumo a água. Superando a si mesmo, sua consciência e inconsciência, pois está vivendo uma experiência e essas duas estão no processo de conceber aquelas informações provenientes da experiência, estão no aqui e agora, sem o julgamento (mas esse pode sim aparecer caso haja algo no percurso que tenha a necessidade de apontamento pela mente). É naquele momento em que a experiência de romper o medo se dá, e se tudo ocorrer bem (tome como bem a reação positiva da ação do sujeito portanto, nenhuma lesão, afogamento ou consequência que possa gerar um trauma, mesmo este sendo reversível) o indivíduo carregará dentro de suas referências internas ou na sua consciência uma noção positiva daquela experiência, mais do que isso, não carregará um trauma.

O trauma é o veículo de formação do medo, é através dele dado em algum rompimento de infância (considerando todas as suas nuances) que o medo se faz dentro do sujeito. A então ação traumatizante é o impulso, a interação que é dada entre sujeito e objeto que possibilita a projeção da sombra para o inconsciente. É essa relação que joga no meio da trama do processo cognitivo a inibição de um devido comportamento e este se relaciona com diversos pontos, tornando aquele mau entendido (pelo fato do trauma só se originar pela não compreensão de um fator do desconhecido, pois quando o desconhecido é compreendido ele fica na consciência portanto não há projeção no inconsciente) um fundamento justificado, um axioma fundamental. Mas se atendo ao comportamento que reflete o inconsciente, sem o negar, por mais pesado que seja, possibilita a cura do trauma.

“[...] a integração de conteúdos que sempre estiveram inconscientes e projetados significa uma grave lesão do eu.”

(JUNG, C. G., 1988, p.251, parágrafo 472)

“Não importa que façamos isto ou aquilo, de qualquer modo a natureza se ressent e tem que sofrer por assim dizer até a morte, pois o homem puramente natural deve morrer de certa forma durante sua própria vida.”

(Ibidem, parágrafo 470)

O medo é a morte de um desconhecido, que com esta subitamente se torna conhecido. O temor, sinônimo de medo, trás em sua formação o anagrama de morte. Quando existe o apego é muito mais difícil encarar o novo pois se quer o que se tem. O novo aí aparece em forma de ameaça, trazendo em si todas as possibilidades (por ser desconhecido) e entre elas a mente apegada sucumbir tudo o que já se “tem”. Mas quando há consciência do estado de infância, sabe-se que na origem nada se tem, nada se sabe, portanto o novo é somente e completamente o novo. Mesmo ao encarar a própria morte esse certo desconhecido que irá se apresentar a todos nós se encarar através das lentes do apego à vida qualquer momento em que o sujeito assimile em si esse conteúdo, vinculará a algo trágico influenciando portanto a todos que estiverem a sua volta, mas se o indivíduo encara a morte pelo parâmetro da infância, quando acontecer finalmente o encontro ele será somente mais uma nova experiência na vida.

Mas para se libertar dessa prisão de grades metafísicas, é imprescindível o encontro com o inconsciente, este que pode ser dado pela percepção, tornando possível o simples

acesso do indivíduo ao seu inconsciente ou da forma mais fatal e urgente, a necessidade, esta que se dá quando encarar aquele desconhecido se torna uma questão de vida ou morte.

“Nossa vida civilizada exige uma atividade concentrada e dirigida da consciência, acarretando, deste modo, o risco de um considerável distanciamento do inconsciente.”

(JUNG, C. G., 2000, p.3, parágrafo 139)

Pela afirmação empregada por Jung evidencia que a vida civilizada proposta pelo nosso meio social, da forma que nos é dada, necessita que haja um foco na consciência, esquecendo do inconsciente. Dessa forma o que vive nele também é esquecido e essa não-ação perante as sombras faz do indivíduo um ser menos consciente, com mais traumas, medos e mais preso as idéias, esquecendo de sua origem, a infância. Esse fator origina uma verdadeira prisão para o homem, que acaba por considerar que sua realidade se dá somente naquilo que ele sabe conscientemente. Dessa forma o que por esse sujeito não é considerado acaba tendo uma pressão exercida sobre. Em outras palavras uma repressão, pois as informações que constam no inconsciente e que agem sobre o sujeito não são assumidas, mas acontecem.

Essa rejeição de si e dos elementos que formam esse *si* pode ter consequências avassaladoras na vida de indivíduo. O medo é uma reação que possibilita a sustentação dessa rejeição, dado que ele se embasa em argumentos reais para acontecer e por muitas vezes não é percebido pelo sujeito, que só vive o medo e tem em si todos os argumentos para a não execução de uma ação pelo simples fato de se saber naquilo mas o que esse sujeito não sabe é que a própria parte que ele nega, ou seja o inconsciente, é o local onde os argumentos para esse medo se embasam. Essa pressão em si próprio pode sucumbir numa explosão de inconsciente, é ai que se originam as neuroses⁹⁵ ⁹⁶. E o único antídoto colocado pelo psicoterapeuta criador da psicologia analítica Carl Gustav Jung é o confronto do lado obscuro, das sombras, através da luz da consciência, portanto se saber que tem medo e encara-lo.

⁹⁵ Vide p. 8 capítulo *Sobre a Infância* “E além disso há o perigo de que, [...] consciente e a sombra possam conviver”

⁹⁶ Neurose - 3 PSIC conjunto de problemas de origem psíquica que, diferentemente da psicose, conservam a referência à realidade, ligam-se a situações circunscritas e geram perturbações sensoriais, motoras, emocionais e/ou vegetativas; psicose. 4 PSICN afecção de origem psíquica em que os sintomas expressam simbolicamente um conflito originado na infância do indivíduo, e que cria soluções de compromisso entre o desejo e as defesas. (HOUAISS, A., 2001, p. 2013)

“O perigo do inconsciente cresce na mesma proporção de sua repressão. No entanto, no momento em que o paciente começa a assimilar-lhe os conteúdos, a sua periculosidade também diminui. À medida que a assimilação progride, também vai sendo suprimida a dissociação da personalidade, a ansiedade da separação entre o lado diurno e noturno.”

(JUNG, C. G., 1988, p.146, parágrafo 329)

Dentro do ciclo proposto, a negação do inconsciente entra em parte importante para a continuação do ciclo. Considerando a teoria de Piaget que afirma que o meio externo e interno influem na formação cognitiva do ser e é dessa formação que saíram os impulsos de ação do indivíduo portanto a elaboração de materiais exossomáticos. Quando o medo habita o sujeito o *Material Adulto* criado por ele terá isso incutido nele, e na medida em que isso for renegado por ele mais profundo será a projeção disso (a sombra).

“Todo indivíduo é acompanhado por uma sombra, e quanto menos ela estiver incorporada à sua vida consciente, tanto mais escura e espessa ela se tornará.”

(JUNG, C. G., 1995, p.81, parágrafo 131)

Então esse material produto desse sujeito terá em seu conteúdo algo relacionado a um fator sem explicação, algo que está ali mas que não passou pela consciência de quem o criou e quanto mais longe da consciência (dado que ela dissolve no inconsciente de uma maneira crepuscular) mais denso isso se mostrará. E quem acessar esse conteúdo receberá, mesmo que inconscientemente, essa forma proposta no objeto. Dessa forma a sombra projetada em quem criou assume um espaço no indivíduo que acessou o material. O sujeito concebe aquilo e também terá de lidar com seu inconsciente para amenizar este medo.

Nas artes esse fundamento é quase nato as expressões que dali saem, já que muitos artistas veem na arte somente uma forma de expressão de si e do meio, esquecendo que ela é também uma fonte comunicadora de muita potência que pode em si conter informações que ao serem recebidas, transformam as pessoas. No teatro, por ser um reflexo da vida humana isso se dá na mesma forma. Uma peça criada por quem tem em si essa negação do desconhecido, assim se mostra, mesmo que for na subjetividade ou somente em alguma parte que compõe a peça como no texto ou na atuação. Como o público está imerso na experiência teatral tudo o que fizer parte daquela composição aparecerá mesmo que inconscientemente.

“[...] o espectador se utiliza dos modelos teóricos que conhece, reconduz a diversidade dos acontecimentos a um esquema unificador lógico e, ao mesmo tempo, capaz de estruturar a realidade exterior”

(PAVIS, P., 2008, p.330)

E é através do mesmo processo que o criador adquiriu conteúdos para ter formação que originasse um material exossomático, que o espectador passa na interação entre *Material Adulto* ou objeto e sujeito ou espectador. Esses modelos teóricos propostos por Pavis são nada mais que as tradições ou axiomas e o esquema unificador lógico capaz de estruturar a realidade exterior é o processo cognitivo proposta na teoria de Piaget. Por isso se dá em um ciclo, é presumível que a projeção de uma sombra, quando não encarada, pode vir a ser comunicada em inúmeros *Materiais Adultos*. Portanto quando um alguém encara a sombra, libera suas próprias criações dela, possibilitando que quem acesse o material não a capte.

“Vive na 'casa do autoconhecimento', da concentração interior. Seja qual for a coisa que ande mal no mundo, este homem sabe que o mesmo acontece dentro dele, e se aprender a arranjar-se com a própria sombra, já terá feito alguma coisa pelo mundo.”

(JUNG, C. G., 1995, p.88, parágrafo 140)

Uma boa comparação para o caso proposto acima é a da luz e da sombra.

Considerando que a luz fica na parte consciente do cérebro, quando é colocado um percalço para esta e esse se mostra desconhecido, a sombra projetada por essa luz desse conteúdo se dá no inconsciente, e se este for renegado, a sombra será mais espessa. Mas se o inconsciente for parte assumida do ser, se torna possível iluminar melhor aquele percalço desconhecido, pois se está livre da ansiedade⁹⁷ ou mesmo do temor daquilo ser algo devastador. Dessa forma se ilumina o inconsciente e quando isso acontece ele se torna consciente.

E é sob essa luz da consciência que no novo *Material Adulto* se forma tendo o sujeito superado o medo e agora estando mais consciente tudo o que ele exprimir exossomaticamente terá refletido aquele aspecto superado. Mas essa consciência se dá em muito pelo fato da

⁹⁷ Ansiedade através da analogia: O ser tem um buraco em si e está de olhos vendados (o que o impossibilita de ver o que taparia esse buraco), mas sua mente, ao tentar ajuda-lo passa várias possíveis soluções para cobrir aquele vazio. A ansiedade acontece no momento em que o ser não discerne o que a mente está mandando e opta pela primeira opção oferecido, mesmo ela sendo um equívoco apressado de quem está com medo de não saber o que está acontecendo consigo, e a continuidade dessas tentativas. Porém a resposta para tal problema só aparece quando o ser se acalma e concentra, prestando a atenção no que lhe falta. E é esta a solução para tal buraco.

abnegação⁹⁸ do controle pois o medo só se dá para quem quer controlar o encontro com o desconhecido. Na tentativa de tatear o solo buscando controle, o sujeito aponta para si mesmo onde pode haver o perigo e é essa suposição que forma o medo. Para o sujeito que abnega do controle, o encontro com o desconhecido se dá plenamente pois nada se esperava ou se tentava saber sobre esse momento.

5.3. CONCLUSÃO DO CICLO;

A solução proposta a esse ciclo quando habitado por sombras refletidas no inconsciente é a consciência. Mais que isso é a consciência na infância pois estando ciente desse estado se sabe que nada sabe e que o encontro com o desconhecido é somente uma forma de captar aprendizados. Estando nesse estado também se percebe que o saber é completamente relativo e sua formação intelectual depende diretamente do que é apresentado ao sujeito.

Somente o fato de se criar algo já trás ao resultado da criação tudo aquilo que está incutido no sujeito. Portanto se o sujeito tem em si muitas sombras inconscientes é isso que fundamentará seu trabalho. Mas ao mesmo tempo se tiver clareza sobre esse processo que se dá no inconsciente e busque para si a maior compreensão de suas sombras, já possibilita que essa mesma mensagem seja comunicada em seu trabalho.

Portanto, para que hajam mais pessoas conscientes dos axiomas comuns e das mais antigas tradições podendo assim refinar o que se absorve e refletir em cima disso buscando melhores soluções conscientes é possível e necessário que os meio que comunicam esses Materiais Adultos sejam em si conscientes assim como os criadores, organizadores, e todos que envolvem esse processo. Estando conscientes o material apresentado também estará e servirá de objeto para a interação dos sujeitos que assim o acessarem possibilitando que as sombras que neles habitem sejam iluminadas por tal ação consciente.

6. A RELAÇÃO ENTRE O CICLO E O TEATRO DE SOMBRAS;

⁹⁸ Abnegar - verbo (1579) **1** (t.d. e pron.) renunciar a (os próprios interesses e/ou tendências naturais) ou sacrificar-se em benefício de outrem ou em nome de uma ideia, de uma causa < abnegou a vida de prazeres para lutar pelos grandes ideais > < os que se abnegarem de si terão altas recompensas morais >**2** (t.d.) não admitir, não aceitar; lançar fora, desprezar< abnegava a injustiça e a impiedade > (HOUAISS, A., 2004, p. 19)

Este ciclo proposto, de transformação de infância em adulto através do *Material Adulto* criado pelo sujeito transformado é algo de muita amplitude podendo ser notado em diferentes níveis das relações. Uma das formas que possibilita a aplicação dessa sequência de fatos já apresentado anteriormente é o teatro, esse que tem tanto do ponto de vista do espectador quanto do criador possibilidades que desenvolvem esse processo. Ambas as partes formadoras desse tipo de experiência estão agregando conhecimento e como é proposto nesse trabalho, conectando com o que se tem dentro de si e dessa forma formando o caráter, influência em absoluto nas questões internas e externas que envolvem aquela existência. Dentre as inúmeras possibilidades que o axioma do teatro nos possibilita para a elaboração de um *Material Adulto* em forma de espetáculo existe o teatro de sombras. Esse que na sua essência deixa claro o ciclo proposto por trabalhar diretamente com as sombras possibilitando esse encontro e assim criando a ponte do inconsciente com o consciente.

Foi através do contato com o grupo italiano de teatro de sombras *Gioco Vita* que a assimilação dessas idéias pode acontecer. Após estudar parte de todo o trabalho que eles desenvolvem em cima das sombras e o processo de transformação da sombra em linguagem atual, dado que essa forma de teatro é muito utilizada nas tradicionais expressões culturais do Oriente e que o *Gioco Vita* em seus quarenta e dois anos de pesquisa em teatro, conseguiu comunicar para uma linguagem ocidental e atual essa manifestação artística que vem sendo testada a milênios. Como na cultura chinesa onde ela ocorre no fundamento de sua tradição e tem uma lenda sobre o surgimento dessa manifestação teatral. No período de 121 a.C., o imperador Wu-ti tinha perdido sua consorte favorita e no mesmo período, um homem veio a ele para mostrar sua habilidade em comunicar-se com fantasmas e espíritos, Shao Wong, usava de sua arte para ressurgir pela noite imagens de mortos e do deus dos lares. Então, a pedido do imperador, manifestou o surgimento de sua companheira e por trás de uma cortina fez o pedido acontecer. Esse artista das sombras foi conferido pelo título de “Marechal do Saber Perfeito” e recebeu presentes e agrados que eram somente concedidos a corte.

“O teatro de sombras, entretanto - o qual, de alguma forma, Shao Wong parece ter usado - permaneceu uma forma favorita do teatro chinês.”

(BERTHOLD, M., 2010, p.55)

E não só na China, o teatro de sombras é um elemento característico do Oriente. É visto em manifestações artísticas de diversos temas, religiosos ou não, no Egito, Síria, Turquia, Afeganistão, Indonésia, Índia, entre outros países orientais. Nestes essa forma de teatro carrega em si um cunho ritualístico, muitas das mensagens passadas são tradicionais e formam axiomas chaves para a compreensão dessas culturas. No século XVIII essa manifestação chegou a Europa ocidental e foi usada enquanto forma de educação religiosa pelos padres além de ter uma sede do teatro chinês em Paris. Hoje em dia o *Teatro Gioco Vita* é um dos representantes que adaptaram essa linguagem originária para conteúdos contemporâneos sendo referência mundial.

Ao iniciar essa pesquisa e visualizar os temas que seriam abordados para a consolidação da idéia, me surgiu a oportunidade de fazer uma vivência com este grupo. Passei duas semanas acompanhando o último processo criativo deles, uma peça do escritor e professor ítalo-lusitano Antonio Tabucchi chamada *A mulher de porto Pim (La donna di porto Pim)* e lá, pude visualizar na prática como é dada a experiência do teatro de sombras e, mais do que isso, como é criar um espetáculo desse tipo. Visualizando o papel do sujeito enquanto criador e todas as interações que essa relação tem em si.

Conversando com o diretor artístico Fabrizio Montecchio e com a criadora dos silhuetas Nicoletta Garioni as possíveis relações entre o ciclo de percepção e formação do indivíduo e o teatro de sombras. Questões como o mecanismo dos objetos, a velocidade da movimentação, os tipos de luz e suas estruturas, o local de projeção da sombra, o contorno, a expressão, a animação das silhuetas, a ação interna da personagem, a variação de imagens, o medo no teatro de sombras entre outras muitas formaram o diálogo que possibilitou essa associação.

A partir da colocação de Fabrizio Montecchio de que o teatro de sombras é formado por toda a experiência que acontece desde a luz até o último espectador e não somente na sombra projetada na tela, é que pude visualizar o processo de trazer uma informação do inconsciente para o consciente, dessa forma lidando com as sombras projetadas⁹⁹ e se libertando. Consideremos então que a luz é a consciência e o inconsciente é diferente de um lugar escuro, um lugar sem iluminação. Consideremos também que quando é colocado um percalço desconhecido para a consciência este se reflete no inconsciente em forma de sombra

⁹⁹ Vide nota de rodapé 98.

e que qualquer matéria exossomática criada pelo indivíduo, refletirá essa sombra mesmo que intrinsecamente. E ao acessar este material criado o sujeito receptor receberá essa forma, mesmo que inconscientemente, mesmo que diretamente projetada em forma de sombra em seu inconsciente. Agora consideremos que essa sombra projetada no receptor tem uma intenção de existir esta que foi previamente estipulada pelo criador do material e com ela ele tenha uma intenção para com o público. É dessa forma que o teatro de sombras se dá. Agora comparando com as considerações anteriores a luz, fonte do teatro de sombras, elemento essencial para viabilizar essa experiência seria a consciência. E o inconsciente seria a tela, pois esta não tem luz própria mas quando iluminada pode vir a projetar em si uma sombra. O percalço, elemento que origina a sombra seria uma silhueta, qualquer material colocado na frente a luz, mas como há uma história a ser contada, esse material ou previamente escolhido pelo criador, trás em si intencionalmente formas e expressões para transmitir tal mensagem. E quem possibilita que esses objetos internos se comuniquem é o agente criador, o manipulador da história, o agente vivo por trás do pano. No caso do receptor ou da platéia, este vê as informações projetadas neste grande inconsciente, que é a tela, em forma de sombra dessa forma se interioriza pelo processo cognitivo e ao entrar no sujeito se relacionaram com tudo o que lhe for possível em sua trama mental. Inclusive com as sombras no inconsciente já que é desta forma que a informação apresentada é dada. Esse *Material Adulto* projetado na tela trás em si uma simulação de inconsciente mostrando somente o percalço colocado através da luz da consciência. E isso como está sendo observado pelo espectador é interiorizado.

Portanto, se existe uma consciência na escolha do que será projetado na tela, ou no inconsciente este pode servir de auxílio no processo de encarar as sombras,

“É uma maneira de fazer voltar o que foi recalcado ou esquecido. Isso, por si só, já é um benefício - ainda que eventualmente desagradável - pois as qualidades inferiores e até condenáveis também me pertencem, e me conferem substancialidade e corpo: é minha *sombra*.”

(JUNG, C. G., 1988, p.57, parágrafo 134)

Mas no teatro de sombras, fazer lembrar o que foi recalcado ou esquecido como fala Jung, acaba sendo possivelmente agradável dado que esse encontro com a sombra se dá em forma de arte viva. E essa, pelo axioma geral do teatro, remete a algo positivo dentro da nossa dualidade de julgamentos, se assim tiver sido dado como referência ao processo cognitivo. Do outro lado da tela o manipulador também tem a oportunidade de lidar com o que se projeta no

seu inconsciente, mas este não enquanto observador mas sim, como o próprio direcionador dessa sombra tendo a oportunidade de encarar e manipular diretamente o percalço que lhe é apresentado.

Nessa comparação fica explicita a relação possível visualizada nessa pesquisa de conexão do amparo ao processo de conscientização das sombras através da escolha consciente do que será colocado no *Material Adulto*. Mais especificamente do potencial que mora no teatro para auxiliar a sanar questões que interferem diretamente na forma de cada sujeito se relacionar com o mundo externo e interno. No teatro de sombras vive a possibilidade de viver a sombra e saber dela.

“O objecto da arte não é a imitação [...] a realidade não suporta o seu reflexo, rejeita-o, só uma outra realidade, qual seja, pode ser colocada no lugar daquela que se quis expressar, e, sendo diferentes entre si, mutuamente se mostram, explicam e enumeram, a realidade como invenção que foi, a invenção como realidade será”

(SARAMAGO, J. in MÓIN MÓIN, 2007, p.65)

Como coloca Saramago, a arte é uma outra realidade que se cria e com esta a vida do sujeito pode se comparar. Assim se dá o processo do ciclo no teatro de sombras. A vida imitando a arte, a arte imitando a vida.

7. SOBRE A MONTAGEM QUE ORIGINOU A PESQUISA;

Foi a partir do início da montagem do espetáculo teatral *O ovo do Mangu* pelo grupo *Iracema de Aracaju Teatro Animal* que se originou a pesquisa que aqui se dá. Tal espetáculo se baseia numa história infantil em forma de narrativa que originalmente é comunicada através do meio oral e perdura há gerações na minha família. Esta proposta de trabalho fez gerar no grupo um estado de reflexão sobre quais pontos que a fizeram uma simples história ser comunicada por tanto tempo e com tão poucas variações. Alguns pontos visualizados nas entrevistas feitas a parentes de variadas idades que consistiu em um pedido que se contasse a história e um questionário comum a todos foram o medo, o companheirismo e um elemento solucionador. Estes elementos trazem o ar intrigante para a história e é isto que aproxima as pessoas dela, tanto para ouvir quanto para refletir sobre si. E como ela consiste em uma tradição/axioma que fundamenta uma família que se mantém unida e compartilhando a mais

de cem anos, essa história se reflete e fundamenta cada integrante que interage com ela, tanto ao ouvir quanto ao contar.

A história fala sobre duas crianças que saem em busca de aventura e no meio do caminho se deparam com algo que as surpreende. Um ovo gigante. Elas sem pensar duas vezes, resolvem levar esse ovo para casa mas ao empurrar barranco abaixo elas perdem o controle e ele bate numa pedra e quebra. As crianças sujas de clara e gema começam a ouvir a reação do dono do ovo, que de longe avisa que quem quebrou seu ovo terá de pagar. Elas muito assustadas correm em disparada e se perdem na floresta. Lá tudo está em pleno caos pois o dono do ovo é uma figura que todos temem. Quando tudo parece estar perdido, elas cruzam uma ponte e se deparam com uma pequena casa, ao baterem na porta, descobrem que a casa é de um grilo. Este que é o único de todos os animais da floresta a encarar o terrível Mangu o dono do ovo, e solucionar o caso.

Ao se depararem com esse novo que a vida lhes propõe, as crianças reagem espontaneamente sem saber que aquela ação no futuro projetaria uma sombra nelas e que elas viveriam um grande medo a partir daquilo. O grupo então decidiu usar a forma do teatro de sombras para explorar a capacidade desse espetáculo já considerando a relação que havia entre a sombra e o medo. Mas foi posterior ao início dessa pesquisa que essa relação de forma e conteúdo começou a ficar mais sólida e consistente. Então vimos em meio a três aspectos, a sombra - pela forma do teatro, o medo - pelo conteúdo retratado e a infância¹⁰⁰ - pelo público que até então a história era referida. Aspectos que brevemente vieram a se integrar e formar o conteúdo dessa pesquisa, a sombra além da forma dada em cena tomou o lugar de forma da projeção do medo, este que além de ser somente conteúdo, possibilitou ao grupo visualizar uma possibilidade de ferramenta que busca sanar esse sentimento perante si mesmo através da experiência completa de traumatizar e curar esse medo¹⁰¹ e a infância, termo que comungou com a idéia do grupo em apresentar esse espetáculo para todas as idades e que a partir da pesquisa aqui dada mostrou sua abrangência e seu estado pleno em todos os indivíduos não

¹⁰⁰ Enquanto fase da criança.

¹⁰¹ Considerando o argumento colocado pela criadora de silhuetas do grupo *Gioco Vita* da importância de haver um elemento, ou apresentado previamente, ou conhecido. Para que dessa forma, as crianças que partilhem da experiência de assistir espetáculo possam ter uma âncora que possa ser colocada na hora onde o medo se fizer pleno na cena. Ela pode ser dada através de um símbolo conhecido, que traga a sensação de solução ou também, pode ser dada em um elemento previamente introduzido na peça que traga na sua essência esse papel sanador. A justificativa colocada pela criadora é que as crianças adentram profundamente nas experiências propostas na vida. E as sombras são duras de se compreender, portanto facilmente traumatizadores (vide o papel que exercem no insciente), e como as crianças vivem plenamente o que lhes é proposto (por estarem na infância plena), podem mergulhar no medo de tal forma, que de lá não consigam sair. Por isso a importância da âncora.

importando a idade, pois uma preocupação do grupo é que as formas que se mostrem não tomem um caráter infantil visto do ponto pejorativo, imagens que parecem ser de alguma forma facilitadas para a suposta melhor compreensão das crianças. Partimos do ponto onde a criança tem total capacidade de compreensão do que lhe é apresentado, a única coisa que a difere do adulto é o tempo de processo cognitivo que influi no ponto de vista.

Decidimos buscar uma maneira da nossa mensagem chegar a todos os que assistissem, e mais, que chegar ao maior número de pessoas possível. Sob esses termos decidimos então que trabalharíamos com o mínimo de palavras possíveis, colocaríamos aí músicas que não necessariamente traduzissem em palavras a mensagem que queremos transmitir, mas sim pelo ritmo que contagia. Assim as imagens propostas nas sombras são o ponto-chave do espetáculo pelo fato de através dos símbolos empregados nelas a haver a possibilidade de comunicar os pontos que queremos propor para que haja em algum nível a cura do medo. Com o intuito de comunicar a peça a um grande coletivo, decidimos também que ela não teria a necessidade de um suporte fixo para sua apresentação. Ela seria montável em qualquer lugar com um espaço um pouco amplo. Essa decisão trouxe para o grupo a questão de que se queremos nos fazer ouvir temos de ir onde há público, por isso a peça é pensada para a apresentação primeiramente na rua por ser em nossa visão o único espaço onde há democracia dentro do teatro considerando que o público não é obrigado a nada assiste o quanto quiser do espetáculo e não tem que se direcionar a um teatro em busca dessa experiência dado que hoje em dia ela não é de interesse comum, o teatro faz e ao passar por ele ela decide de fica ou não e mesmo sem ingresso recebe a mensagem.

“A simples repressão não constitui remédio algum, tal como a decapitação não é remédio para a dor de cabeça.”

(JUNG, C. G., 1995, p.81, parágrafo 133)

Em cima do argumento de Jung e de tantos outros a escolha por um lugar de fácil acesso onde a peça possa livremente acontecer foi decisiva para o grupo. E em relação o que usar para a confecção das silhuetas decidimos pela material descartado com potencial de ser reutilizado. Dada a quantidade de material resistente e de qualidade que passam pelas mãos das integrantes do grupo e do questionamento antigo sobre algum fim que se pudesse dar àquilo.

O espetáculo então se ergueu em cima da vontade latente em ajudar o próximo a curar seus medos através da arte, de possibilitar isso a todos deixando que cada um escolhesse por si e de reutilizar materiais com potencial para serem explorados artisticamente. Isso tudo narrando uma história que mostra na sua essência a confiança de um para com o outro a esperança de que tudo vai dar certo e o confronto com o medo possibilitando assim a cura dessa sombra. Essa tradição oral e moral colocada na peça foi e é muito avaliada pelo grupo, na questão que visa sua necessidade de existência. Observamos que existe na história um fator de ancestralidade que a torna extremamente interessante visto que Jung aponta o fato do nosso inconsciente é formado por símbolos¹⁰², esse fator de tradição da peça comunica por este viés pontos em que as integrantes do grupo concordam em comunicar, como os citadas anteriormente. Dessa forma existe um impulso para a sustentação de axiomas em si que são sólidos e positivos.

O nosso processo criativo se deu até agora no desenvolvimento das idéias que permeia o espetáculo e no desenvolver das nossas habilidades para lidar com essa forma de expressão. Jogos com o corpo, voz, improviso, diálogo com a sombras, entre muitos outros exercício, vem sendo empregados nos encontros do grupo com o intuito da elaboração desse espetáculo com mais clareza e veracidade. Já que como é apontado nessa pesquisa tudo o que há de sombras internas se reflete no material exossomático elaborado o grupo também se auxilia no processo de cura interior, de enfrentamento dos medos e morte das sombras visando maior consciência na hora de exprimir suas emoções e expressões na montagem. Essa proposta de consciência caminha junto com toda a idéia empregada nessa pesquisa. A montagem desse espetáculo mais do que uma simples apresentação, serve também de meio que aponta a possibilidade da consciência gerar frutos conscientes e esses influenciarem o que cada um cria.

7. CONCLUSÃO DO TRABALHO;

Ao final da pesquisa introduzida, fica evidente a formação de um ciclo infundável sobre o desenvolvimento da inteligência. A passagem dos estágios do não-saber, para o saber sobre algo e criar em cima disso, se mostra inteiramente influenciados pelo conteúdo que

¹⁰² Vide p.49 capítulo *Desenvolvimento do Ciclo*.

consta no que serviu de fundamento inicial. Portando a passagem da fase da infância para o estado enraizado em qualquer assunto tem no tipo de material acessado a resposta se aquele *recém* adulto terá uma postura consciente ou não nos fatos que conseguites a este aprendido.

Todo o processo de interiorização se dá da mesma forma a todos. Através do processo cognitivo e o estado de “não-saber” também é comum, este aqui explicado como infância. Ao interiorizar algum material externo, a infância já se desfaz nesse aspecto gerando aí um novo adulto.

A qualidade do material veiculado é de suma importância para o resultado desse enraizamento provindo do estado de infância. Qualidade enquanto ação consciente ou não, na hora de executar o material. Por isso a importância do agente criador saber de como sua obra é influenciável. E este estará naturalmente influenciado pelo que lhe serviu de matéria para enraizar em devidos assuntos que constam em seu material exossomático.

A conclusão deste trabalho se dá na importância da conscientização de três fatores. Primeiro, de como somos influenciados pelo meio externo e assim gerando uma necessidade de discernimento de escolha e de responsabilidade na hora de criar algo, já que este servirá de influência a outros. Segundo, a necessidade que habita no homem de encarar a sua sombra, suas projeções no inconsciente. Dessa forma o ser estará possibilitando a si a consciência, já que a sombra age sobre o ser sem mesmo que ele perceba e nela habitam os elemento que o prendem de viver plenamente o terceiro fator de importante conscientização, o de se saber infância, de se entregar ao aqui e agora e abnegar do controle, pois tudo o que é apontado pela inteligência, essa que rege o controle é feito de, nada mais, nada menos, do que tudo o que é dado de acesso ao ser humano, e impreterivelmente isso continuará se dando, o indivíduo querendo ou não, e na tentativa de dominar isso ele se prende no medo, portanto, se saber infância plena é consequentemente se libertar do medo. Este que quando projetado no inconsciente age como uma prisão, pois como ele se dá no passo anterior de se entregar ao desconhecido, ele pode prender o indivíduo lá para sempre ou até que uma força maior o empurre por necessidade. A formação do medo pode ser dar a qualquer momento, dado que a vida nos apresenta o novo, e isso fica claro no desenvolvimento cognitivo, a todo momento, pois a todo momento novos construtores da percepção de mundo são construídos. Mas ao mesmo tempo, é em qualquer material novo oferecido pela vida que pode habitar uma ação consciente que liberta o ser daquela prisão. Um desses veículos é o teatro, pois por ser ele

uma realidade apresentada, ensaiada e calculada (considerando a improvisação, esta que se apresenta em forma de acaso na vida) o sujeito que a observa pode traçar um ponto comparativo consigo mesmo e dessa forma atingir seu inconsciente conscientemente, se assim retratar a peça. O teatro de sombras é um representante perfeito dessa relação entre sujeito e objeto lidando com o inconsciente, dado que tem em sua formação a luz e a escuridão e essas, por muito são consideradas a consciência e o inconsciente. E ao trabalhar uma peça que fala sobre o medo, me foi dada a possibilidade de somatizar esses pontos que relacionei.

Ao visualizar essa realidade, é meu papel enquanto criadora, possibilitar esse tipo de conteúdo de consciência, rompendo com o ciclo da inconsciência nas pessoas e conseqüentemente em mim, através da arte, veículo que me foi dado através do teatro e por mim estudado.

“Mas é Salomão Trissmosin que o diz de modo claro:

‘Estuda para ver em que consistes

O que estudas, aprendes e és

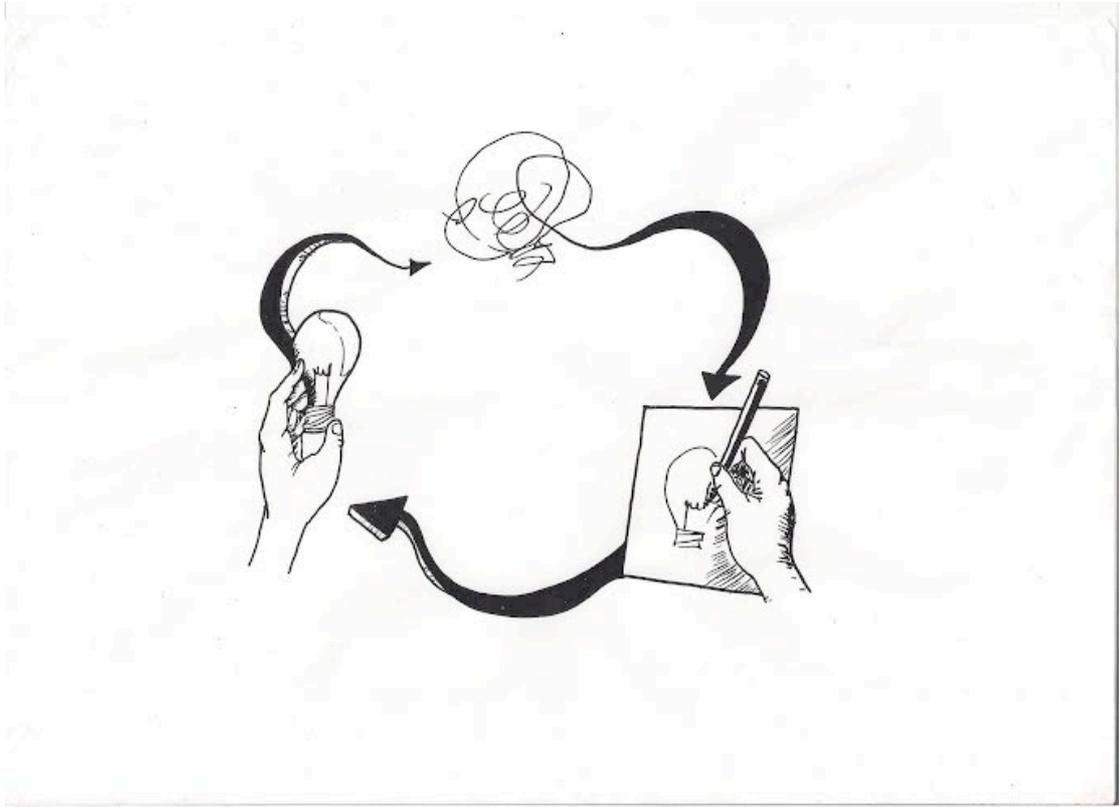
Nisso justamente tu consistes

Tudo o que há fora de nós

Há também dentro de nós. Amém’.”

(JUNG, C. G., 1995, p.99, parágrafo 153)

Portanto somos formados do que nos é dado de acesso. Há um fator do acaso, que trás as coisas para nós, mas de uma forma geral trazemos para nós o que queremos, já que o que somos está intrínseco nas nossas ações, inclusive as de busca. Na citação se fala sobre estudar, mas este estudar não é necessariamente o que nos é dado como estudo pelo modelo de escola e sociedade que temos. Interpreto que estudar, nesse caso, se consista em ter um objeto de observação e dentro dessa relação buscar as várias verdades que aquele objeto trás, aprendendo a forma que ele se comporta, as possibilidades que ele dá, a profundidade por trás daquilo e o onnipresente que vive naquilo em comum com o sujeito.



BIBLIOGRAFIA;

AGAMBEN, Giorgio. *Ideia da Prosa*. Lisboa: Edições Cotovia, 1999.

BAUDRILLARD, Jean. *Tela Total: Mitos-ironias do Virtual e da Imagem*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

BERTHOLD, Margot. *História Mundial do Teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

BLOOM, Harold. *Contos e Poemas para Crianças Extremamente Inteligentes de todas as Idades. Volumes 1*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

CARMICHAEL, Leonard. *Manual da Psicologia da Criança - Volume 4 Desenvolvimento Cognitivo I*. E.P.U./EDUSP, 1977.

GEORGESCU-ROEGEN, Nicholas. *Energia e Mitos Econômicos*. Uberlândia: Economia-Ensaio, 2005.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

JUNG, Carl Gustav. *A Prática da Psicoterapia*. Petrópolis: Editora Vozes, 1988.

JUNG, Carl Gustav. *Psicologia e Religião*. Petrópolis: Editora Vozes, 1995.

JUNG, Carl Gustav. *A Natureza da Psique*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

MEIRELES, Cecília. *Problemas da Literatura Infantil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

MORETTI, Gilmar; BELTRAME, Valmor. *MÓIN-MÓIN ano 03 número 04 - Teatro de Formas Animadas Contemporâneo*. Jaraguá do Sul: Gráfica Nova Letra, 2007.

PAVIS, Patrice. *Dicionário do Teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo Dicionário Latino-Português*. Belo Horizonte - Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2000.

<http://www.infopedia.pt>

<http://pt.wikipedia.org/wiki>